

Vol. 1

JANEIRO DE 1931

N.º 1

Revista

— DE —

Ensino

Órgão Oficial

DO DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS
E DA SOCIEDADE ALAGOANA DE EDUCAÇÃO



MACEIÓ

Estado de Alagoas

BRASIL

REVISTA DE ENSINO

Orgão Official

DO

Departamento Geral da Instrução Publica e da Sociedade Alagoana de Educação

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 23 -- Janeiro -- 1931

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$

Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.

MACEIO'

Summario

Um disceipulo de Platão, Orlando Araújo. — Circulo de Paes e Professores, Graveiro Costa. — Plano da Escola Nova, José D. Calderaro. — O organização do ensino no Japão, Henrique Bahiana. — O Rincão e a Enechenta, Antonio Salles. — Methodologia: A Leitura Analytica. A Escola Activa. — Actos Officiaes. — NOTICIARIO

REVISTA DE ENSINO

Órgão Oficial do Departamento Geral da Instrução Pública e da Sociedade Alagoana de Educação

ANNO V

Maceió, Janeiro de 1931

N. 23

Um discípulo de Platão

Orlando Araujo

A magnanimidade do philosopho foi por muito tempo a força equilibradora do throno bragantino no Brasil.

Com a transição da tolerancia bem orientada para o desespero tragico, desatado pela *Guarda Negra*, com o ambiente de suspeição criado pelo gabinete em torno do Exercito e originaria das chamadas "questões militares", e outros descomedimentos, nos ultimos tempos do segundo Imperio, era de maior acerto concluir, como Ruy Barbosa, que o animo de D. Pedro II não mais vingava nas deliberações do governo.

A imprensa atirava vehementes objurgatorias, para desmedrar a semente do terceiro reinado, lançada pelo Conde d'Eu á sombra da poderosa armadura de Ouro Preto.

Dizia Ruy — o Cruzeiro do Sul em Hava — pelo DIARIO DE NOTÍCIAS: "A realza está divorciada do povo. A violencia já se desembucou pondo francamente a coroa na cabeça"... "notoriamente Sua Magestade já não exerce nenhuma das tres funcções que em varias escolas constitucionaes lhe attribuiam: Occupa o throno, mas não administra, não governa, nem reina". Entretanto a labareda revolucionaria contra a monarchia nem chegou a crestar o respeito, a admiração despertados por D. Pedro II.

Nove dias antes da proclamação da Republica, Benjamin Constant, entre os conspiradores, quando fortemente emocionado ao ver mais perto, com a adhesão á conjura do bravo da guerra do Paraguay, brigadeiro Almeida Barreto, ao poente do se-

gundo reinado succeder a alva luminosa da Republica, não conteve o sentimento revelador dos cuidados que merecia o grande monarcha e perguntou:

— Que se ha de fazer do nosso Imperador?

E uma resposta menos conveniente de um dos conjurados é logo fulminada por Benjamin, neste tom de nobresa vehemente: Oh! o senhor é sanguinario! Ao contrario, devemos rodea-lo de todas as garantias e considerações porque é um patricio muito digno.

Deodoro e Wandenkolk tiveram iguaes cuidados pela sorte do Magnanimo. E esquece-lo na hora da sua grande amargura, para faze-lo provar mais fel, seria o esquecimento de que elle nos assegurou uma era de paz em 1850; de que preferiu perder a corôa a tolerar a permanencia do trafego negro no Brasil; seria riscar da memoria a organização do Conselho de Estado; a reforma judiciaria de 1841; o codigo e Regulamento Commerciaes — perennes monumentos de sabedoria; o Codigo Criminal; as grandes reformas administrativas, politicas, scientificas e industriaes; a sujeição do poder publico á moral; as projecções de um formoso espirito conciliador; as victorias diplomaticas e militares do segundo reinado; seria enviezar um julgamento que tudo isso e muito mais proscresse e até os elarões de um painel, que a abertura de escolas levantou.

No largo scenario em que se desdobram efficientemente as suas virtudes, já apparece o Magnanimo com

a majestade que lhe assegura a justiça dos embaixadores da mentalidade brasileira nos seus depoimentos de sociólogos, de historiadores.

Leiamos Gilberto Amado "...o certo é que Pedro II começou dahi (politica de conciliação com o gabinete Paraná) a sacrificar ao seu temperamento liberal os proprios fundamentos da corôa".

E depois de dizer que Pedro II lhe apparece como um verdadeiro milagre da especie humana, explica esse justo conceito: "Filho de Pedro I cujos costumes, cuja moral nós conhecemos: senhor absoluto em um paiz em que o systema constitucio-nal era e não podia deixar de ser uma ficção; em uma sociedade sem existência moral porque era baseada na escravidão, esse homem deve ser estudado não só pelo bem que fez, mas sobretudo, pelo mal que não fez.

Devemos medir-lhe a bondade sem perdermos de vista a circumstancia de haver se operado a sua formação moral num ambiente sem os effluvios de um coração materno.

Pedro II, privado, desde cinco annos, de mãe e parentes não teve esse ambiente delicado de um lar onde se opera a formação do character, dessa delicadeza onde se apuram sensibilidades. Mas, senhores, que homem foi esse que, sem os elementos de tal valia para sua estrutura moral, sendo "neto de Francisco II da Allemanha e I da Austria, esse imperante de espirito estreito, falso e cruel; sendo neto de D. João VI, timorato e bonachão, sensual e mediocre; sendo filho de Pedro I, intelligente, mas inconstante e desordenado, frenetico e impulsivo, generoso até o altruismo, apaixonado até o mais fero egoismo; sendo filho da imperatriz Leopoldina, bondosa, paciente, orgulhosa, mas, sobretudo, desconfiada, que é ainda em nossa historia um obscuro enigma de coração e de intelligencia", subtrahiu-se de lhes herdar os defeitos, para somente aceitar da sentença ancestral as virtudes as quaes ainda soube dar polimento.

O seu espirito e o seu coração onde foram buscar essa "vontade forte" de Le Bon? Como afastar de si, senão por "uma vontade forte, de ser util, de ser magnanimo, de ser patriota, de ser modesto, de ser o Deus tutelar do engrandecimento do seu Brasil, as inclinações da sua natureza, latentes naquelle cortejo fatidico de ancestralidade?

Surge, pois, aos nossos olhos com aquelle traço luminoso de milagre referido por Gilberto Amado!

O segundo Imperio, no Brasil, diz Ronald de Carvalho, é a epoca das verdadeiras liberdades politicas. Em toda a America latina nunca houve presidente mais democratico que o nosso Imperador. Esse homem, de gravidade sem aspereza, que provava, nos quarteis, a razão das praças, que, em suas audiencias publicas, recebia a todos que o procuravam e a mão de todos apertava, erguia-se tão alto acima dos preconceitos, que, em verdade, como escreveu Ferrero, perdora na philosophia e no saber a *consciencia do monarcha*. Rodeado de poetas e doutores, como um principe amavel de Florença, a nobreza que mais distinguiu e amou foi a da intelligencia.

Não era a condição politica de rei, mas essencialmente a de brasileiro que o prendia á propria patria. Quando aos seus ouvidos chegavam echos das sortidas republicanas, os avisos de que começavam a ameaçar os alicerces do throno, respondia como fez a Pimenta Bueno: Se os brasileiros não me quizerem para seu Imperador, irei ser professor. E ao Conde d'Eu affirmou: Pode vir a Republica que eu tambem sou republicano.

Sobrepuña-se ao Imperador a majestade do philosopho. E era como philosopho que o rei ia dilatando o periodo do seu reinado, na parte de um continente que já havia esmagado todos os thronos. E o que nelle ainda existia era mais democratico do que as suas Republicas.

Pedro II, diz Tristão de Athayde,

“queria ser um justo e não um chefe. Visava o equilibrio e não a direcção. E a accusação do poder pessoal, que por meio seculo nunca deixou o ambiente, parece-nos hoje illusoria ou pelo menos inexacta. Não era a vontade de intervir pelo amor do mando, que o animava, mas a vontade de conciliar, de encaminhar, de reter ou apressar os problemas, de respeitar, quanto possivel, a evolução mental dos factos e dos espiritos.

Pedro II arrebatou a primasia de quantos podiam ser havidos como honestos sedutores de espiritos cultos.

O Instituto Historico Brasileiro teve a sua prestigiosa solidariedade, a sua protecção assecuratoria de florecente jornada. No exilio uma das coisas que mais o emocionavam era a leitura das noticias sobre o Instituto Historico e o Collegio Pedro II.

Compareceu a 508 das suas sessões. Numa cadeira de jacarandá negro, existente na mesma associação, nunca mais occupada, está esta inscripção: “Cadeira em que se assentava S. M. o Senhor D. Pedro II quando presidia as sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.” E no seu salão de sessões não pôde haver outro retrato sinão, como homenagem especialissima, o do seu inesquecivel protector.

“Consolidou definitivamente a unidade nacional”. Tambem foi um instrumento da nossa cultura scientifica e literaria. Procurou a familiaridade das linguas e das literaturas antigas. A sua mão protectora e a sua sympathia intellectual envolveram Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Pedro Americo, Victor Meirelles, Carlos Gomes e outros artistas, poetas, romancistas e scientistas.

Foi esse, incontestavelmente, o periodo aureo da cultura brasileira; e a epoca de D. Pedro II, na nossa historia, pelo esplendor das artes, pela viçosa florescencia de homens notaveis pela intelligencia e pelo character, pela estabilidade da ordem e pelo renome do paiz no estrangeiro, pôde

ser comparado, guardadas as devidas proporções, ao que foram, para a Grecia, o seculo de Pericles; para a Italia, os de Augusto e Leão X; para a Inglaterra, os de Elisabeth e de Victoria; para a França, o de Luiz XVI”.

A bondade do grande monarcha não tinha intermitencias.

E' bem sabido que elle libertou os seus escravos pessoas e condecorou pessoas e instituições que tiveram igual procedimento. Muita gente pobre vivia á sombra do seu grande coração. Deu sempre as mais bellas demonstrações do seu patriotismo.

O povo brasileiro vio sempre com bons olhos as suas viagens porque, alem de sentir que as fazia com o animo tambem de mais cultivar o seu espirito, estudar em cada paiz os assumptos governamentais, tinha orgulho de vê-lo mostrar na sua figura as grandes possibilidades da cultura brasileira,

Quando não comparecia á recepções, concertos e theatros estudava até alta madrugada. Discutia todos os assumptos com os seus ministros e quando estava funcionando o parlamento, as reuniões do ministerio, por elle presididas, iam até tres horas da madrugada.

Cultivava a bondade, a simplicidade e tinha fundo de justiça — raros predicados entre chefes de governos republicanos e que foram tambem o grande segredo da estima em que o tinha o povo brasileiro. A todos que lhe queriam falar recebia sem etiquetas e cerimoniaes de cortes.

O conhecido “Livro Negro”, sem uma só preceituação a que correspondesse qualquer outra de character coercitivo, constituia, entretanto, um bello codigo da mais rigida moralidade social, administrativa e politica.

Nem o tremendo golpe que lhe abateu o throno pôde arrastar ou demerrecer o seu principado de serenidade e elevação.

Preço no Paço, levado para bordo furtivamente ou segregado dos olhos agradecidos dos seus irmãos pelas

sombras de uma escura madrugada, não lhe escapou dos lábios uma palavra de amargura. Não regeitou uma só gota do fêl que sorveu naquela hora ingrata do seu destino. Em carta, em resposta ao Governo Provisorio da Republica, elle disse: "governei com amor e dedicação, conservarei da patria a mais grata lembrança e faço ardentes votos por sua grandesa e prosperidade". E' a resurreição da sua majestade na propria hora em que a derrubaram.

E com que nobreza elle recusou, tendo a consciencia da sua pobreza, os cinco mil contos de reis que, com os mais superiores designios, lhe enviou o governo republicano!

Tomemos uma scena de grande emoção reveladora do alto gráo do seu patriotismo.

Em Milão, em 22 de maio de 1888, os medicos o consideraram em estado desesperador. O arcebispo de Milão ministrou-lhe os ultimos sacramentos.

Deante da agonia do Imperador, transgredindo a prohibição medica, a Imperatriz resolveu transmittir-lhe a noticia da abolição da escravatura.

Ouvindo-a, o velho Imperador reanimou-se.

— Então não ha mais escravos no Brasil? pergunta com voz apagada.

— Não — respondeu-lhe a Imperatriz. A lei foi votada no dia 13. A escravidão está acabada.

— Demos graças a Deus! murmurou D. Pedro II; telegraphé já a Isabel, enviando-lhe a minha bênção com os meus agradecimentos á nação e ás Camaras.

E enquanto lhe desciam dos olhos as lagrimas elle finalisou:

— Grande povo!... Grande povo!...

Formoso coração! Para o organismo do Imperador a noticia da abolição foi tonico com que milagrosamente contou para reagir, daquelle dia em deante, contra a morte até que chegou a convalescença.

O seu patriotismo rasgou a sua sentença fatal.

E' numa illuminada vertical, que nos chega triumphalmente, esta extraordinaria figura de principe demócrata, esta extraordinaria majestade do rei desthronado que governou com a razão, integrando-a, quanto possivel, no Bem, na Ordem, na Harmonia.

A moral do segundo reinado que crystalisa a pureza do Magnanimo seria a que Platão havia de praticar na epoca.



CIRCULO DE PAES E PROFESSORES

Craveiro Costa

Uma das feições mais sympathicas da moderna orientação escolar é a que procura a collaboração da família na obra educativa da escola.

Ao tempo em que a função da escola era puramente instructiva, limitada á transmissão mecânica das regras da grammatica, da arithmetica e demais disciplinas dos *grammas* officiaes, essa collaboração era perfeitamente dispensavel e, até certo ponto, vedada por coercitiva daquella função privativa do professor.

A parte educacional da escola ficava limitada á formação de uma falsa mentalidade religiosa, pela imposição mnemonica do catholicismo, e á tyrania da disciplina terrorista pelo silencio e pela passividade.

A instrucção alcançava-se a muque por processos abolidores do raciocínio; a educação, consistente na aquisição de *bons modos*, os chamados *modos de gente*, era imposta pelos mesmos processos para que imperasse o despotismo do mestre. Assim, a escola abolia na alma da criança a boa e saudavel alegria infantil, os sentimentos de independencia, de affeição, de confiança no proprio esforço, tornando-a timida, macambusia, vingativa, ás vezes, e, ás vezes, hypocrita.

Prevalecia o preceito de Montaigne: "Escondei, occultai o affecto, se quereis obter o devido respeito".

Hoje, não. Os tempos mudaram, a pedagogia reformou os seus processos e a escola evoluiu. A disciplina escolar humanizou-se, tomando por ponto de partida, precisamente o contrario daquelle velho preceito terrorista — o affecto, que o professor deve procurar inspirar aos seus alumnos. E da alacridade, da expansão, da curiosidade da criança o professor deve colher os elementos ne-

cessarios á ordem na sua escola, á aprendizagem das lições e á formação do caracter.

Os castigos physicos foram abolidos e os castigos moraes ficaram restrictos ás faltas mais ou menos graves, consoante o julgamento calmo e reflectido do professor, applicados de modo que a criança saiba por que vai ser castigada, afim de que se convença da justiça da punição. Porque é preciso manter integra a personalidade infantil, desenvolver na criança a confiança em si mesma e concorrer para que nella desabrochem facilmente os sentimentos de bondade, de altruismo, de desprendimento, de independencia, que são o ornamento do bom caracter.

Em vez da palmatoria, a persuasão, a comprehensão do facto, o apello ao interesse e ao amor proprio, o culto methodico da personalidade, como recommenda Faria de Vasconcellos.

Assim orientada pelo conhecimento da personalidade physica e psychica da criança, respeitando-se-lhe o desenvolvimento, "sem recorrer a meios artificiaes, que ella não sente nem comprehende e que, longe de auxiliarem a sua evolução normal e regular, antes a contrariam e a perturbam, ás vezes irreparavelmente", a escola tornou-se um centro de educação, com séria responsabilidade na formação do caracter popular.

Todavia um obice se levanta contra essa função da escola moderna — a familia, que, em geral, lhe não secunda a acção educativa.

Grande é o numero de meninos que chegam á escola com costumes condemnaveis e vicios inveterados, alguns de natureza atavica. O ambiente em que vivem não lhe desenvolve a sensibilidade e ante esse impecilho esbarra a acção educativa da escola.

Os castigos corporaes, por exem-

plo, abolidos na escola, continuam a vigorar no lar, como meio educativo por excellencia. A escola sustenta que "o bom effeito do castigo não decorre da dôr, mas do reconhecimento da falta e justiça da punição, porque a dor deixa resentimento, inspira a revolta, o desejo de vingança"; a familia, entretanto, mantém o castigo physico como compressor dos desregramentos infantis.

A escola quer que a criança gose de liberdade, porque priva-la "de passeios, de recreios depois das aulas, de jogos, de movimento, é praticar uma violação monstruosa ás leis do desenvolvimento de um organismo em formação". A familia encerra a criança no interior da casa, para que o menino se não corrompa com as más companhias, tira-lhe a liberdade, impondo-lhe a quietitude pelo temor do castigo... Succede que, contrariamente aos desejos paternos, a criança cresce enfesada e torna-se hypocrita: caladinha e sossegada na presença dos paes, fingindo de homem, menino com *modos de gente*, mas turbulenta e perversa quando dos paes está affastada.

Outros, inversamente, largam demasiado a redea aos filhos, uns por ignorancia, outros por desleixo.

Este e muitos outros aspectos educativos, estabelecem entre a escola e a familia antagonismos profundos. Essa desharmonia latente entre o professor e o pae, entre a escola e o lar, perturba a necessaria educação infantil. São duas forças que se chocam, visando o mesmo fim, uma porque evoluiu, outra porque ficou estacionaria.

Para que esse antagonismo desapareça e se estabeleça, entre a escola e o lar, o interesse reciproco na collaboração educativa da infancia, fundam-se por toda parte associações de paes e professores, com o fim de marcharem harmonicamente as duas grandes forças educacionaes.

Entre o pae e o mestre precisa haver perfeita identificação na directriz da educação da criança.

Ha paes indifferentes, para os

quaes a sua missão tutelar se limita a matricular os filhos na escola, deixando-os á vontade. Pouco se lhes dá que os meninos aproveitem ou não aproveitem no estabelecimento preferido. A assiduidade escolar não os preocupa e as reclamações do professor são acolhidas com enfado.

Ha paes que, vendo os meninos carregadinhos de livros, dão-se por satisfeitos. Os meninos são logo tidos por prodigios, uns geniosinhos fadados aos mais altos destinos. Então os professores são excellentes e o contentamento transborda, se ao fim do anno os pirralhos forem approvados com distincção. Se a distincção não coroar a labuta do anno lectivo é que houve injustiça da banca examinadora...

Ha paes que matriculam os filhos na escola mais proxima para terem a casa sossegada durante algumas horas e, para esses, o dia lectivo devia ser de oito horas.

E' mister, pois, que o absurdo dessa classificação desapareça para que a função educativa da escola, em plena harmonia com o lar, seja uma realidade. Para isso se torna necessario o estabelecimento de relações effectuosas entre professores e paes. A escola precisa ser um prolongamento natural do lar. Isso se conseguirá, com relativa facilidade, por meio da fundação de circulos de relações cordaes entre paes e professores, conjugação de esforços que estabelecerá a necessaria collaboração educativa das duas forças formadoras do character do povo. Outro fim dessa combinação de esforços é o da assistencia aos meninos reconhecidamente pobres.

Com esse pensamento, se vão fundar nos grupos escolares *Associações de Collaboração Educacional*. Todos os paes serão socios; todos os professores de cada grupo serão igualmente associados. Um Conselho de direcção manterá o espirito de harmonia e orientação educativa entre a escola e a familia. E' preciso que os paes ajudem seriamente a missão social do professor.

PLANO DA ESCOLA NOVA

José D. Calderaro

(Tradução para a "REVISTA")

O bom senso é excelente e necessário no fundo do nosso espirito, porem com a condição de que o vigie uma inquietude elevada e lhe recorde, em caso necessário, o infinito de sua ignorancia: de outro modo não é mais que a rotina das partes inferiores de nossa intelligencia.

Mauricio Meterlinck

Para se praticar uma escola, donde se attenda as realidades fundamentais da vida, não existem tantos inconvenientes como parece aos olhos fanthasmagoricos dos que querem impedir o surto novo.

A imaginação dos medrosos e timidos está cheia de sombras apavorantes; por isso vivem tranquilos quando reduzem a zero a sua faculdade de imaginação.

Em troca, os que olham corajosamente o futuro, despreocupados das commodidades do presente, marcham serenos até o ultimo horizonte.

A escola primaria do seculo XX soffre de estacionamento agudo. Não tem progredido ao passo das outras instituições infinitamente menos importantes; e não tem progredido porque a immensa barreira do intellectualismo pedante a sepera por completo da vida.

A reforma pedagogica somente pode ser realizada, introduzindo-se o *elemento novo* na escola. E a vida é amor, é alegria, é emoção.

E' necessario, pois, abrir as portas da escola sobre as vertentes da vida, para que cinco seculos de futuro se adeantem, compensando cinco seculos de atraso!

A nova escola funcionará num edificio amplo, sensível e amavel. Seus pateos, jardins e salões terão por objectivo formar ambientes de belleza, onde o espirito do menino receba incessantemente a influencia reflexa da cor attrahente e da linha harmoniosa.

A architectura escolar do futuro se inspirará em uma nova concepção humana. Em lugar de *templos*, se construirão *escolas*, no profundo sentir do povo grego: lugares de grata reunião, de grato receio, para a vista, para o ouvido, para o espirito todo.

Essa escola escolherá suas decorações com tanto cuidado como os seus methodos de ensino, porque acima da palavra do mestre, falam ao coração da criança em linguagem sem sonoridades, a belleza ou a estulticia das coisas que a rodeiam.

Desejamos uma escola esthetica, profundamente esthetica, convencidos que estamos de que o sentimento da belleza é tão util á vida como o conhecimento do alphabeto.

Ainda que vivamos numa sociedade de mercadores carthaginezes a belleza é util, porque de vez em quando se faz sentir nas almas carcomidas pela luxuria do ouro, as emoções do supremo desinteresse, o ouro das auroras incendidas, a riqueza illusoria das noites prateadas pela alchimia platonica da lua.

E' unicamente o erroneo conceito de que a educação é uma questão de ensino, que permite a tolerancia da escola anti-esthetica e austera. Porém, desde que se comprehenda que educação é a formação constante de nossa affectividade, a formação de nossos habitos e nossas inclinações, sympathias e antipathias, de nossos odios e amores, de nosso criterio e nossas attitudes, então se comprehenderá a importancia que merecem essas aparentemente pequenas influencias, que de todos os lados da vida dirioem suas flechas contra a nossa personalidade.

E sabemos bem que a esthetica tem uma influencia poderosa na formação dos espiritos. Como introduziremos a belleza dentro da escola?

Nas salas dos meninos menores poremos figuras muraes representando scenas infantis, scenas graciosas, que prolonguem o sorriso nos labios da infancia.

Para os meninos um pouco maiores, não faltará decoracão sobre motivos da natureza: a vastidão infinita dos pampas, o arvoredado de sombra hospitaleira, o arveio que corre silencioso, a montanha acariciada pela neve, o rebanho pastando, o rancho rustico, os labores agricolas, a selva magica que os nossos antepassados povoaram de seres phantasticos.

Para os meninos maiores, recorreremos ás grandes creações da arte humana, desde a estatuaria grega até a pintura e a escultura contemporaneas.

O menino será iniciado na vida escolar por meio do brinqueado para que a transição do lar para a escola não seja brusca, e o primeiro principio da pedagogia será fazer que o menino fique sendo menino.

Queremos, pois, inicia-lo na alegria de viver, em lugar de inicia-lo no temor, pelo castigo, pelo regulamento, pelo exame.

As emoções da belleza, as alegrias do jogo, a actividade amena, constituindo ensinamentos attractivos, fluindo de todos os lados, substituirão, com vantagem indiscutivel e pedanteria encyclopedica e os methodos incomprehensíveis.

Nossa pedagogia começará fazendo do jogo o centro das primeiras actividade escolares, seguirá a observacão da natureza, que é manancial inesgotavel da experiencia humana, e terminará orientando a conducta do homem pelos principios inviolaveis da belleza, da justiça e da verdade.

Para maior clareza apresentamos aqui o plano da nova escola, dividido em tres periodos e submettemo-lo á consideracão dos homens de todos os paizes, em cujos peitos ainda continua accesa a lampada segrada do ideal.

E', como se verá, um plano que segue o desenvolvimento do menino no seu triplice aspecto: physico, intellectual e moral.

O primeiro periodo contem os quatro modos da actividade; o segundo periodo exercita a intuicão directa, e o terceiro, alem da intuicão indirecta, estabelece uma serie seleccionada de elementos com os quaes o menino orientará a sua conducta nos diferentes caminhos da vida.

OS TRES PERIODOS ESCOLARES

Primeiro periodo — Dois annos escolares

Phase de actividade — Fundamento: o jogo

- a) Actividade espontanea { Jogos
- b) Actividade esthetica { Canto
Dança
Desenho
Rondas
Modelagem na arcia.
- c) Actividade affectiva { Recitativos de poesias
Contos
Passeios
- d) Actividade intellectual { Leitura
Escripta
Arithmetica
Geometria

Segundo periodo — Dois annos escolares

Phase de observação — Fundamento: a natureza

Observação da Natureza 1º as Plantas, 2º os Animaes, 3º os Mineraes.

As Plantas	<ul style="list-style-type: none"> Raizes Galhos Folhas Flores Fructos 	Flora Nacional	<ul style="list-style-type: none"> Observar, desenhar, colleccionar Preparação de herbarios 	
		Productos	<ul style="list-style-type: none"> Pão Assucar Chocolate Vinho Algodão, etc. 	
Os Animaes	<ul style="list-style-type: none"> Mariposas Abelhas Formigas Vespas Borboletas 	Invertebrados	<ul style="list-style-type: none"> Observar e desenhar a forma de suas partes. Colleccionar 	
		Vertebrados	<ul style="list-style-type: none"> Mammiferos Peixes Reptis Aves Batracios 	
			Productos	<ul style="list-style-type: none"> A seda O mel A lã
				Fauna Nacional

Os Mineraes { Observar suas propriedades
 Collecção

Literatura { Leitura de poesias
 Leitura de prosa selecta
 Redacção em geral } Cultivar a esthetica da Linguagem
 e a aptidão para expressar o pen-
 samento por escripto

Theatro Infantil { Comedias
 Monologos
 C6ros

Trabalhos Praticos { Trabalho Manual
 Cartographia
 Construcção de objectos uteis
 Cultivo de plantas
 Collecções de plantas e animaes
 Pratica de algumas industrias

Nota: Estas actividades devem tomar o specto de semi-jogos.

Economia Individual { Systema metrico decimal
 Systema monetario

Nota: Applicações praticas.

Terceiro periodo — Tres annos escolares

Phase de raciocinio e auto-direcção: o juiso, a razão, a conducta humana

Educação intellectual
 (a base de ideas scientificas) { Origem do Homem { Geographia
 Geologia
 Anthropologia
 Civilização humana { Civilização universal
 Formação nacional
 Conhecimento do organismo humano { Anatomia
 Physiologia
 Hygiene

Literatura nacional e cultura
 artistica { Poesia
 Prosa
 Philosophia
 Sciencias
 Algumas obras da literatura universal
 Visitas a museus e exposições de arte

Educação Politica
 (Conhecimento das leis) { Liberdades do homem
 e do cidadão { Oratoria
 Eleições
 Assembléas
 Bibliotheca
 Theatro
 Periodismo
 Bancos: Arithmetica pratica;
 Contabilidade

Educação em geral	{	Educação physica
		Trabalhos industriaes
		Excursões e passeios a praças, parques, jardins publicos
		Implantação da festa mensal
		Formação de associações post-escolares

O PRIMEIRO PERIODO ESCOLAR: O JOGO

Pedagogia é a arte de conduzir a criança desde a alegria infantil até a seriedade da vida, e a melhor pedagogia é aquella que a conduz insensivelmente.

Inspirado por esse espirito de alto respeito pela infancia, iniciamos a reforma da escola. Tudo que a escola poder produzir deve ser baseado sobre os direitos da infancia; mais ainda, consagrando os direitos da infancia.

Na vida infantil distinguem-se tres etapas: primeiro, uma epoca de jogos, logo de observação e por ultimo de raciocinio; de accordo com esse raciocinio dirigirá o menino a sua conducta social.

Tendo em conta esses dados de psychologia infantil, dividimos a escola em tres periodos: primeiro, o inicial, baseado nos jogos, nos brinquedos; segundo, de observação e terceiro, de raciocinio ou auto-governo.

O periodo inicial tem por objecto principal o *eu* do menino; o periodo de observação tem por fim o *não eu*, isto é, a natureza que rodeia o menino; e o terceiro periodo estabelece as relações entre o *eu* e o *não eu*, entre o individuo e o que o rodeia, seja a natureza, seja a sociedade.

Já sabemos porque razões o periodo inicial se fundamenta no jogo. Noutra parte deste livro dissemos que o menino possui a qualidade de não se preocupar com as realidades da vida.

O menino indiscutivelmente tem mais força imaginativa que o adulto, porque ignora as leis da natureza. O conhecimento das leis naturaes nos encerra na fatalidade do determinismo, concorrendo para difficultar os voos da imaginação.

O homem de sciencia sabedor de que tal causa corresponde necessariamente a um effeito, não pensa senão no que prevê; o menino em compensação não prevê senão o que imagina e ao faze-lo espera que as cousas se realizem á medida dos seus desejos. Já que o menino vive no mundo de sua imaginação, é necessario, para não destruir-lhe a meninice, crear realidades imaginarias: os jogos, os brinquedos.

Por outra parte a philogenia nos demonstra que o affectivo apparece antes que o intellectual no individuo, porque é mais antigo na especie. As primeiras relações do novo ser com a vida são relações de dor. Nem se pense que a consciencia physica, que os psychologos chamam cenesesia, apparece com o nascimento; forma-se pouco a pouco com o desenvolvimento do systema nervoso. Que diremos da consciencia psychica que é posterior a physica, e mais ainda da consciencia moral, ethica, e da consciencia metaphysica que pode palpitar na mente de um Descartes!

O brinquedo é um instincto, e o instincto, como disse Richet, é uma como memoria organica. O instincto tem a missão fundamental de suprir a intelligencia, quando esta não existe.

Pelo instincto vivem os seres, e se o instincto não levasse os labios tremulos do recém-nascidos aos seios maternas, a especie pereceria e, ainda, se o instincto não despertasse nas mães o amor pela prole, a especie igualmente pereceria.

Uma vez apparecida a intelligencia, os instinctos se vão adormecendo; porem a psychologia nos demonstra que a intelligencia não apparece de golpe, senão lentamente; por conseguinte, *querer educar um menino desde os primeiros passos escolares com elementos intellectuaes é começar de cima para baixo.*

Já dissemos em outra parte que não se interprete forçadamente o nosso pensamento, insinuando que pretendemos organizar uma escola onde o menino somente brinque. Nosso primeiro periodo escolar tem por fundamento o brinquedo, porém, tendo-se em conta a seriedade da vida, utilizamos o brinquedo como melhor meio de adormecer no menino o instincto do proprio brinquedo, assim como o melhor meio de destetar com exito a um menino é amamenta-lo bastante tempo.

Não tomamos o brinquedo unicamente no seu aspecto de brinquedo: correr, saltar, parodiar as realidades da vida; tomamo-lo tambem combinado com outras actividades, segundo o demonstra no quadro que segue:

- | | | |
|--|---|--|
| 1) Jogos puros | { | Comprehende toda a classe de jogos infantis |
| 2) Jogos com actividade esthetica | { | Córos
Danças
Rondas
Modelagem na areia
Desenho |
| 3) Jogos com actividades intellectuaes | { | Leitura
Noções de Arithmetica e Geometria
Escripta |

No quarto lugar collocaremos outras actividades, correspondentes ao nosso segundo periodo escolar, sob a denominação de semi-jogos, ou jogos de transição entre a imitação do trabalho e o labor serio. Ei-lo aqui:

- | | | |
|---|---|--|
| 4) Semi-jogos com actividades utilitarias | { | Trabalho manual
Cartographia
Construcção de obojetos uteis
Cultivo das plantas
Pratica de algumas industrias, etc. |
|---|---|--|

Vê-se, pois, que o jogo não está tomado como a unica actividade infantil, senão como fundamento de outras actividades.

Mas, se dirá: e que forme essas actividades podem ser brinquedos? Como trabalho manual, o cultivo de uma planta, a modelagem na areia, a aprendizagem de uma palavra, podem ser brinquedos?

Naturalmente dando-lhes o caracter de *imitações* e para dar-lhes esse caracter, convém referir-se as realidades que se querem imitar. Um pouco de engenho do professor basta, porque o menino está sempre predisposto a chamar brinquedo a toda a actividade que o mantenha alegre.

Ao redor do brinquedo girará, pois, durante os dois primeiros annos escolares, a educação dos nossos meninos. Nada de ensinios estereis e fastidiosos. Unicamente o ensino da leitura, da escripta e as noções elementares de arithmetica! Que se proporcione ao menino dois annos ditos no meio de brinquedos e canticos!

Quem sabe quanta riqueza irão depositando lentamente no fundo do seu espirito as impressões dessa primeira idade?

E agora, aos pedagogos austeros, aos herdeiros dos *philosophos som-brios*, recordamos algumas palavras de Rosseau: "Vos assusta ver consumir os primeiros annos em não fazer nada! Como! Não é nada ser feliz? Não é nada saltar, jogar e correr todo o dia?"

SEGUNDO PERIODO ESCOLAR: A NATUREZA

O segundo periodo da nossa escola e que tem por fundamento a observação da natureza, corresponde ao momento educacional denominado cultura dos sentidos e a etapa psychologica da curiosidade.

O menino tende a ser naturalista, ou pelo menos é antes naturalista que partidario das coisas abstractas. Isto se explica tendo-se em conta que o nascer da mentalidade no menino é um reflexo do despontar da mentalidade na especie chamada biogenetica e nos indica que a ontogenia é uma reprodução summaria e rapida da larga evolução philogenica. A intelligencia do menino reproduz, pois, a intelligencia do homem primitivo. Um indigena comparado com um homem civilizado é um individuo evoluído physicamente, porem estacionado psychicamente.

Entre o menino e o homem primitivo ha evidentes analogias: ambos não comprehendem as ideas abstractas ou as ideas geraes; ambos não possuem uma linguagem receptora e transmissora daquellas ideas; ambos reagem influenciados por estímulos exteriores, sem que a reacção seja modificada ou auxiliada por um trabalho intellectual.

Por isso um menino com fome atira-se sobre o alimento que estimula sua secreção gastrica, como o faria um selvagem. Isto é um facto reflexo ou um instinto, porem de qualquer maneira é um acto sobre o qual a intelligencia, ainda desprovida de elementos de analyse, não pode exercer nenhuma influencia modificadora.

Menino e selvagem são, pois, seres desprovidos de experiencia adquirida.

Ora, como a função primaria e substancial da intelligencia consiste em adaptar as formas da vida do individuo ás necessidades do meio ambiente, é evidente que o primeiro objecto de interesse para a mentalidade que desabrocha é a natureza percebida através dos sentidos, isto é, a parte da natureza que demora na zona da intuição directa.

A intuição directa é a fonte dos primeiros conhecimentos, no individuo ou na especie.

A intuição directa corresponde á primeira idade e é a base da experiencia pessoal. Intuição e experiencia são a mesma coisa para Ardigó (*Scienza da Educação*)

A philogenia nos indica que a intuição directa precede a indirecta, se bem que esta seja possível, graças a experiencia directa dos antepassados.

A philogenia e a psychologia mostram e allumiam o caminho da nossa escola:

1º intuição directa ou experiencia pessoal.

2º intuição indirecta.

A maior ou menor riqueza da experiencia pessoal depende da maior ou menor *curiosidade* que sinta o menino. Por isso a intuição indirecta é mais propria do nosso terceiro periodo escolar.

Não obstante serem tão claros estes processos, a escola actual os adultera; acredita encontrar no menino o desejo e o ensino se processa verbalmente, mesmo as lições de coisas, que o menino, por si mesmo aprende intuitivamente. "As lições de coisas — disse Compayré — tal qual se pra-

ticam muitas vezes, são superfluas. Fazem perder um tempo precioso, como o faz notar M. Bain, transmittindo conhecimentos que a criança já havia adquirido por si mesma". (*Curso de Pedagogia*)

Pois bem: se a intelligencia é, no seu aspecto vegetivo, uma função que adapta os seres ás diversas formas da vida, é indiscutivel que os primeiros conhecimentos do menino devem satisfazer uma necessidade instinctiva.

E é possível que o instincto desperte no menino curiosidade pelos factos da historia?

Com respeito a essa serie de tormentos de que se vale a escola actual para perturbar o desabrochamento physico e psychico da criança (regras de orthographia, de grammatica, de arithmetica, datas historicas) disse Claparède: "*ces choses n'ayant aucun intrêt par elles mêmes, étant des faits contingents dont la connaissance ne satisfait à aucun instinct de l'enfant*".

E muito antes, Rousseau, o homem que teve a intuição mais profunda e mais perfeita da educação, dizia: despresemos tambem dos nossos primeiros estudos os conhecimentos que naturalmente não são do agrado do homem, e nos limitemos aos que satisfazem o instincto" (*Emilio*)

Se nada dissermos á criança sobre Colombo ou Annibal, ella ignorará a existencia desses personagens historicos. Em compensação, a natureza sendo um phenomeno directo ao alcance da sua percepção, ao mesmo tempo que estimula a sua curiosidade, satisfaz suas aspirações instinctivas.

A natureza é, pois, o que mais corresponde a experiencia pessoal ou intuição directa.

Recordemos que a maioria dos phenomenos da natureza, considerados sincereticamente, nós conhecemos por experiencia propria; e a historia é, do ponto de vista didactico, uma serie de dados da experiencia indirecta. Tudo nos indica, pois, com meridiana claridade, que o ensino da historia deve pospor-se ao conhecimento da natureza.

Por outro lado, sem desenvolvimento dos sentidos não é possível o desenvolvimento da intelligencia; Preyer começa seu celebre livro (*A Alma do Menino*) com a seguinte affirmação: "A base de todo o desenvolvimento psychico se encontra na actividade dos sentidos".

Porem como os sentidos são os organs da intuição directa e esta se exercita na presença da natureza, se comprehende claramente que a observação da natureza é a base do desenvolvimento sensorial e, por consequente, fundamento do desenvolvimento da intelligencia.

Ora, uma intelligencia assim desenvolvida se bastará a si mesma nas formas rudimentares da vida; é necessario, não obstante, ir mais adiante; é necessario interpretar a intuição indirecta. Os novos factos que esta experiencia apprehende são os elementos de raciocinio mediante os quaes se comparam os factos obtidos pela experiencia pessoal, e assim o processo da cultura no menino é identico ao processo da cultura na especie: uma serie de actos pertencentes á experiencia propria, estudados e interpretados com o auxilio das experiencias de varias gerações anteriores.

A intuição directa é a actividade propria dos sentidos; a indirecta é a actividade correspondente ao raciocinio e a razão.

Na forma de intuição directa percebemos a natureza sem intermediarios; é a actividade gnoseologica primaria, genuinamente pessoal. Na segunda forma da intuição as nossas percepções são condicionadas pelos intermediarios; esta actividade deve ser, portanto, posterior.

Sem a collaboração anterior dos sentidos nada haverá apreciavel na intelligencia e, consequentemente, nada haverá de solido no raciocinio do homem sem uma percepção directa da natureza.

Ha, demais, outras razões que indicam claramente que o ensino transmissível, de intuição indirecta, feito mediante o procedimento das chamadas *classes*, deve ser posterior a actividade pessoal do menino.

A intuição directa se apoia na memoria dos sentidos, na chamada memoria elementar, conjuncto de memorias especificas (visual, auditiva, motriz, etc).

Em troca, a intuição indirecta necessita de um novo elemento da memoria: a *atenção*.

Si na intuição directa havia *percepções*, na intuição indirecta deve haver *apercepções*, quer dizer, phenomenos psychicos que entram no dominio da atenção, segundo Wund.

Ora, tem-se observado que os meninos de mais idade, aprendem com maior facilidade que os menores; não quer isto dizer que a memoria se tenha desenvolvido com os annos. "Se se fizer a critica dessas experiencias — disse Claparède — ver-se-á que na realidade não se tem medido a memoria, se não a memoria e a atenção."

Com effeito: o menino tem mais memoria que o adulto, por isso aprende facilmente um idioma; em compensação o adulto tem mais atenção que o menino.

A maior ou menor rapidez na fixação de uma impressão, depende de dois factores:

- a) o estado da memoria;
- b) a intensidade da impressão.

Compreende-se então claramente que a atenção tem por objecto augmentar a intensidade da excitação, compensando assim a debilidade da memoria retardada.

Tudo isto nos permite estabelecer que a actividade mnemonica segue este desenvolvimento:

1. mais memoria que atenção;
- 2º mais atenção que memoria.

A intuição directa, a experiencia pessoal deve, pois, preceder a experiencia indirecta, transmittida em forma de lições; porque na percepção directa se exercita a memoria e na percepção indirecta toma maior parte a atenção. Todo o nosso segundo periodo escolar está organizado sob esse aspecto da actividade infantil; por isso seu fundamento é a natureza.

Qual é o criterio que deve dominar neste periodo escolar?

O criterio desse periodo está indicado por um dos nossos principios: o conhecimento deve implicar o desenvolvimento das aptidões.

A aptidão fundamental a desenvolver é a da observação.

Precisamente a qualidade de conhecimentos que a escola deve dar ao menino nessa etapa, corresponde nos processos culturaes aos de observação empirica. Observar, examinar, desenhar as formas, reproduzir as cores, colleccionar as plantas, insectos, etc, são pontos essenciaes.

Porem tenha-se presente que não se trata de transmittir conhecimentos; trata-se simplesmente de estimular a curiosidade do menino, predispondo-o á recepção de conhecimentos através dos sentidos.

Fracassará por completo a escola nesse periodo, se cada conhecimento não corresponder o desenvolvimento de uma aptidão.

Porque os conhecimentos que a criança adquire por sua propria experiencia são mais duradouros e efficazes que os transmittidos pelo professor?

E' porque aquelles conhecimentos foram adquiridos através de uma actividade e esses prescindiram da aptidão e do esforço. Quando o professor diz ao menino: "Os animaes se dividem em vertebrados e em invertebra-

dos", transmite um conhecimento esteril que não corresponde a nenhum esforço da criança.

Mas quando o menino, por sua propria observação, encontra ossos nas aves e espinhas nos peixes e examina uma aranha ou mosca e verifica que nestas se não encontram ossos, descobrindo que uns tem e outros não tem ossos, adquire um conhecimento através da sua faculdade de observação. O conhecimento o menino pode esquecer, mas a observação fica.

Nisto consiste todo o mecanismo didactico do nosso segundo periodo escolar. Porque não são os conhecimentos os elementos mais uteis nos diferentes estadios da vida; os elementos de maior utilidade são a observação e o esforço individual.

Para dar conhecimentos que fossem realmente efficazes na vida da criança fora mister conhecer previamente o seu futuro. Os conhecimentos de literatura não servem de nada num caso de naufragio, ao marinheiro que crusa os mares; os conhecimentos de zoologia são inteiramente inuteis para quem passa a vida num *atelier*. E já que não é possivel conhecer o futuro de cada menino, tomemos o fundamento commum necessario para a vida — a aptidão.

Se um conhecimento nos pôde servir em cada momento, a aptidão de observação nos serve em toda a vida e é ella que um dia produz um Guttenberg ou atira ás aventuras do oceano um intrepido navegante, para quem a observação dos residuos trasidos pelas ondas eram annuncios evidentes de um novo mundo occulto alem-mar.

O menino deve ser, como queria Pestalozzi, o *agente activo* da educação, não o individuo passivo que, opprimido no seu banco escolar, se limita a ouvir as lições do professor.

A demais, os processos do nosso segundo periodo collocam a actividade escolar no terreno do semi-brinquedo, servindo dessa maneira de transição entre o brinquedo do primeiro periodo e os trabalhos serios do ultimo.

Spencer havia notado no seu livro sobre a educação, que em todos os povos primitivos, o praser do agradável havia precedido o praser do util, e que a primeira forma do vestido foi o adorno. Este processo se repete tambem na criança e é o seguinte o mesmo no menino que na especie:

a) o agradável;

b) o util;

c) o desinteressado.

F

Isto é explicado pela propria psychologia, pois as primeiras sensações e as primeiras emoções do menino são puramente organicas.

Segundo Pryer podemos anota-las:

— sensações de bem estar geral;

— de mal-estar;

— de saciedade;

— de fadiga;

— de medo;

— de pavor.

Estas sensações produzem no menino praser ou dor, isto é, o agradam ou desagradam. E' pois, evidente que o que primeiramente interessa ao menino é o que pode produzir sensações de bem estar geral.

Nosso primeiro periodo satisfaz mediante jogos e outras actividades, como o canto, o desenho, a dança, que não são mais que modalidades estheticas do brinquedo.

A esthetica, que, no seu sentido etymologico, é a ciencia de sentir, biologicamente é a sensação do agradável. Para o menino é bello o que lhe agrada. A belleza é, no seu primeiro aspecto, a sensação de bem-estar. A este

proposito recordamos que Kant defenia a belleza como o "que agrada espontaneamente."

Para que o menino passe da sensação do agradável á noção do util, necessita uma certa preparação intellectual, isto é, um grão mais elevado de desenvolvimento da intelligencia. O conceito do util se forma unindo ás *emoções* organicas, certas *emoções* intellectuales.

O jogo que para o menino só é agradável, é, entretanto, util para o que aspira desenvolver estes ou aquelles musculos.

O segundo periodo de nossa escola satisfaz a idea do util, mediante a observação directa da natureza e mediante certas actividades em forma de semi-jogos (trabalhos manuaes, cartographia, pratica de algumas industrias, etc), actividades que não são outras coisas que maneiras uteis do mesmo jogo.

Estas actividades se podem combinar com exercicios praticos referentes ao uso das medidas do systema metrico decimal, porem sem theorias. Usando e applicando o metro, o litro, o grammo e as moedas chegará o menino a obter solidos conhecimentos de economia individual.

Mais adiante chegará o menino á noção do desinteresse, entrando de cheio na etapa final da nossa escola: o terceiro periodo.

Ahi receberá conhecimentos de sciencias, de arte, de literatura, conhecimentos todos desinteressados, que sirva de base a actividades serias que emprehenderá na vida. Com elles se formerá um ideal de perfeição, que dignificará o trabalho que lhe caiba realizar na sociedade; e dessa maneira seu trabalho será outro modo de brinquedo, o ultimo modo possivel; será o *modo ethico do jogo*.

Com effeito: quando se trabalha inspirado por um ideal de perfeição, o trabalho resulta um brinquedo e a recordação do *menino* perdura no *homem*.

E esse modo ethico do jogo, que deve ser o trabalho humano, reunirá o agradável ao bello, a utilidade ao desinteresse.

Recordemos para finalizar, que nosso segundo periodo escolar cultivará a linguagem do menino, visando antes de tudo a sua exactidão.

E o theatro não é uma chimera: algumas comedias, alguns monologos, alguns coros, levarão o espirito infantil a uma sadia alegria que renovarã a pureza do coração,

TERCEIRO PERIODO ESCOLAR: A CONDUCTA HUMANA

O terceiro periodo da nossa escola e do qual passaremos agora a nos occupar, terá por objectivo o cultivo do raciocinio e da razão, para regular a conducta humana. Visa, pois, uma finalidade ethica, a base de cultura scientifica e illustração literaria e artistica.

A educação intellectual se fará de accordo com o nosso principio de que o conhecimento deve coincidir com a vocação, para que o saber possa estar em relação com as multiplas realidades da vida.

Deredor das ideas sobre a origem do homem, se agrupam noções geographicas, geologicas e anthropologicas. Taes conhecimentos influirão notavelmente sobre a moral do homem, porque o ensinarão a collocar-se no meio da natureza; porque indicarão seu lugar ao lado do animal e da planta.

Estas noções devem ser ensinadas segundo um methodo evolucionista: noções cosmologicas, geologicas, anthropologicas ao redor dos assumptos:

A nebulosa;

A terra

Os animaes e as plantas;

O homem;

A intelligencia.

A anatomia e a psychologia humana serão estudadas através das terríveis realidades da vida: as enfermidades. Só assim esse estudo resultará fecundo.

Por outro lado, obrigar, por exemplo, ao alumno a estudar a anatomia do pulmão, é obrigar a um estudo do qual não percebe a finalidade: em compensação, se partir de um acto da vida, a enfermidade pulmonar, o menino perceberá o interesse vital do ensino. Tenha-se em conta que é um dos principios da nossa pedagogia, crear para o menino um interesse humano.

Pelo que respeita ao estudo da formação do povo, devemos recordar a pedagogos e historiadores que um povo não se forma aos toques de clarins e aos rufos de tambores nos campos de batalhas; que um povo não é, nunca o foi, o producto da fortuna ou dos desastres militares.

Que se pretende com essa *historia militarista* que hoje se ensina em todas as escolas do mundo? Pretende-se fazer della base do espirito nacionalista. Mas será certo que o espirito nacionalista se possa formar dessa maneira? Cremos que não; que jamais se formará o espirito nacionalista sob a invocação terrível dos dias curtidos nas batalhas sangrentas. E vamos demonstrar a nossa affirmação.

Poderíamos expressar assim a nossa these: *a historia das guerras de um povo nada nos ensina sobre as modalidades intimas e profundas desse povo.*

Para conhecer a Grecia, não precisamos ir ás guerras medicas; sentemos-nos antes á sombra amavel do Parthenon, a ler trechos da *Ilíada* e da *Odisséa*, em frente a mudez de pedra das columnas. Altamira, em seu livro sobre o ensino de Historia, disse: "Como é possível, com effeito, comprehender a Grecia sem sua arte, comprehender Roma sem seu direito privado e sua organização economica?"

Vejam agora sobre que razões fundamos a nossa these.

A guerra não é o estado normal dos povos, senão um estado pathologico. Se não fosse assim, teriamos que negar os mais altos principios da civilização. Houve, sim, uma epoca primitiva em que o estado de guerra se impunha como um meio de luta pela vida; porém tendo mudado as condições de vida com o progresso da intelligencia, aquelle estado deixou de ser o estado normal. Fazer a guerra é, pois, volver ao estado primitivo.

Argumentem como queiram, busquem os pretextos mais serios, a razão serena não pôde deixar de condemnar a guerra. Qualquer povo, seja do norte ou do meio-dia, ao fazer a guerra, volta ao estado primitivo, e no estado primitivo, todos os povos se parecem.

Tomemos agora alguns exemplos de psychologia.

Ao estado primitivo de guerra, comparemos um texto psychologico tambem primitivo; o acto reflexo elementar. Seria possível buscar diferenças entre um homem e outro homem, por seus actos reflexos elementares? Acaso a reacção reflexa é distincta nuns e outros homens? Quanto mais nos internamos na selva emaranhada do primitivo, do rudimentar, menos diferenças encontramos nos seres, nas ideas e nas instituições. O animal e a planta encarados nas suas origens, quase se confundem num só. A natureza nos ensina que a differenciação é um processo ultimo. Logo, pois, para buscar diferenças de modalidades nos povos, para encontrar as fontes puras e distinctas da nacionalidade, não é possível recorrer á

guerra, que é um estado primitivo, rudimentar, indifferenciado, barbaro; é preciso recorrer á sciencia, á arte, ás instituições nascidas com o progresso posterior da intelligencia.

Nossa argentinidade não teria que ser buscada neste ou naquelle combate; teriamos que procura-la onde flue impolluta e bella, como o espirito da Grecia nos marmores de Phidias; teriamos que busca-las nas obras de Sarmiento, nas poesias de Exheverria, nas reflexões de Alberdi, Moreno e Rivadavia, no espirito investigador de Ameghino. Por isso na nova escola, o lugar da *Historia Nacional* será tomado pela *Literatura Nacional*.

E' unicamente mediante essa permuta na pedagogia universal, que se poderá purificar o conceito nacionalista da vida, que os povos reclamam, mesmo a custa de sangue. Está demasiado manchada de negro, a historia politica e militar das nações para que continue como *alimento do cidadão e do homem!*

A escola primaria tem commettido o erro de viver sob o encanto dessa sereia tragica e infecunda, ao derredor da qual tem girado a educação.

E é sob a invocação dessas ideas de purificação nacionalistica, que temos posto o estudo da historia nacional, como alguma coisa secundaria da historia humana. Não cremos que exista espirito sadiamente aberto ás verdades do mundo, capaz de negar a immensa vantagem espiritual, moral e patriotica dessa substituição.

Acaso é através dos espartanos ou através de Homero que amamos a Grecia? Roma nos parece grande por Cesar ou por Virgilio? A pretensa *grandeza militar* tem sido em todos os tempos um alarme vão, do qual fica apenas lugubre recordação. Gengiskan, Dario, Annibal são espectros allucinantes de sangue e de morte, que já desapparecem na desillusão historica. Em compensação, Pindaro e Esquilo, Horacio e Cicero perduram na immortalidade augusta das suas obras.

Não ha, pois, melhor maneira de reflectir o patriotismo que estudando a produção literaria nacional em suas diversas ordens: poesia, prosa, philosophia, sciencia.

A educação politica tão necessaria aos povos modernos se terá praticado com as liberdades do homem e do cidadão. Uma serie de methodos sensiveis conduzirão a esse fim.

O periodissimo é um delles. A publicação de um periodico na escola tem por objecto formar jornalistas? De modo nenhum. Consequentes com o nosso principio de que a actividade escolar deve ter um fim humano e um interesse presente, buscamos no jornal escolar o modo de justificar ante os olhos dos meninos os seus trabalhos de redacção. Porque escrever para jornal não é o mesmo que escrever para ser classificado com a nota escolar: em primeiro lugar o menino comprehende claramente que a palavra escripta é um instrumento vivo, a um tempo receptor e transmissor das realidades da vida, em segundo caso se faz da palavra escripta um engenhoso instrumento inerte posto ao serviço do regimento escolar.

Outros methodos incitarão a um alumno para que pronuncie uma conferencia, e a classe toda eleja um companheiro para que fale numa festa. Porem nada de discursos e conferencias que tenham por objecto exclusivo acostumar o menino a falar! Ao contrario, hão de ser discursos e conferencias que tenham por objecto ensinar alguma coisa. Se este fim humano está ausente, o methodo falhará por completo.

A educação politica comprehende tambem a educação economica. A economia é, etymologicamente, a arte de administrar a casa. Pois bem: a economia é precisamente o unico fim humano capaz de verificar as noções da arithmetica.

Entre os grandes erros da escola actual, um dos maiores consiste em fazer das noções mathematicas (arithmetica) o fundamento do ensino. Este erro tem sua origem na crença de que as mathematicas desenvolvem, melhor que outra disciplina, o raciocinio e a razão. Porem isto, que não passa de uma simples presumpção, tem sido muitas vezes negado pela experiencia. Laplace, grande mathematico, fracassou como administrador.

Nosso plano de escola, como se comprehenderá facilmente, representa em certa medida uma reacção em favor das sciencias phenomenicas.

Os problemas que a cada passo se apresentam na vida, não tem character numerico. Se assim fosse, quem os resolveria?

Os problemas da vida são de character moral; esses problemas não se resolvem, sabendo que a somma dos angulos de um triangulo é igual a dois angulos rectos.

Lamentemos vivamente os meninos que extraem uma raiz cubica! Essa operação traz-nos á mente a imagem do tonel das Danaides.

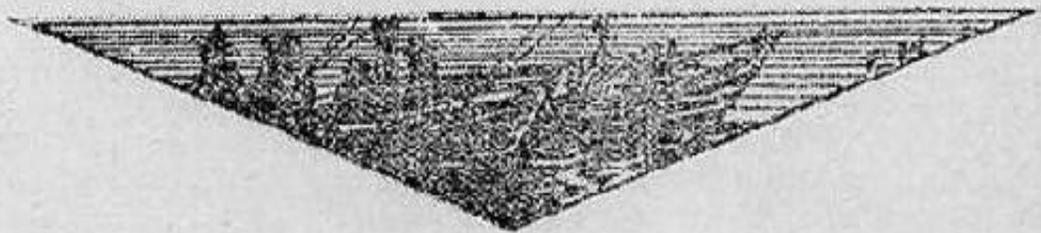
Estamos plenamente convencidos de que as mathematicas desenvolvem... a aptidão para as mathematicas. Demais as mathematicas não correspondem a realidades phenomenicas, são puras abstracções e como nossa pedagogia visa crear um interesse que sirva de fundamento ao ensino, buscamos na economia o interesse das noções de arithmetica. Com a creação de um *banco escolar*, annexo á escola, se conseguirá esse fim.

Os problemas numericos apresentados ao menino, referentes aos negocios bancarios, o interessariam extraordinariamente.

Depois, as noções de arithmetica, que a escola ensina, não podem dirigir-se a outra coisa, que não dirigir sua propria economia. Nossa escola pode repetir com Rousseau: "o officio que lhe quero ensinar é o viver".

Alguem que não chega penetrar no espirito da nossa escola, dirá que a arrastamos para um baixo utilitarismo. Equivoca-se quem assim pensa. Nossa escola, pelo contrario, leva o homem aos grandes ideaes da vida. Porem sabe perfeitamente que a idealidade é uma como ultima vibração da utilidade, como a luz e o calor são vibrações da materia. Se primeiro não se vive, não se philosopha, segundo o adagio latino; se supprimirmos por um momento a irrigação sanguinea do cerebro, cessa a vida psychica. Sem sangue, irremediavelmente, não ha pensamento.

E ponhamos fecho de ouro nesta novidade didactica, instituindo a festa mensal da escola, porque na emoção das festas se transmite ao coração humano as grandes virtudes da vida: a alegria, a belleza, a verdade e o amor.



A organização do ensino no Japão

O Japão moderno, em sua intensa phase de aperfeiçoamento e de progresso, representa verdadeiramente o resultado do systema nacional de ensino. O novo Japão differe do velho Japão na mesma medida em que o novo systema de ensino differe do systema dos dias antigos. O ensino actual é muito superior ao velho, assim como o novo Japão é superior ao de outr'ora, embora este tivesse virtudes não menores do que o novo. O velho systema, que produziu homens do valor d'aquelles que prepararam a era de Meiji, teve virtudes que o novo Japão considera difficil sobrepujar ou mesmo igualar.

O velho systema de ensino era estreito sob todos os pontos de vista. As massas não tinham instrução propria. Apenas os mais afortunados podiam receber instrução, os demais viviam sob a disciplina ferrea do regime feudal. A cultura era portanto o privilegio de uma classe.

Pela nova orientação, ao contrario, ensino é universal em seu objectivo. Abraça todos os cidadãos e todas as classes. Esmera-se em collocar a verdade e a justiça antes da familia e dos interesses proprios. A sua concepção de lealdade é muito mais nacional que local e privativa de uma classe. O "Bushido" hoje em dia, já não é apenas um codigo de "samurais", como ainda um ideal nacional.

A historia do desenvolvimento da educação no Japão é por demais longa para ser aqui recapitulada. Todavia afigura-se-nos ser de grande interesse resumir as condições em que se formou o novo systema de educação e mencionar os principaes frutos que tem produzido.

Assim que o Japão foi aberto ao mundo occidental, cuidaram os seus dirigentes de pôr em pratica um systema appropriado de educação. Enviaram ao estrangeiro diversos mensageiros, afim de que estes investi-

gassem os segredos do progresso do occidente. E voltaram os mensageiros convencidos de que o futuro do Japão dependia da educação.

Foi desde logo objecto de cuidado saber se o Japão podia adiantar tudo que era desejavel das civilizações occidentaes, sem com isso enfraquecer as velhas virtudes nacionais e ainda saber se o novo systema de educação conseguiria fundir harmoniosamente as qualidades do Oriente e as do Occidente.

Mas a Educação precisa de escolas para propagar ideas. Uma das primeiras instituições novas, inauguradas nessa época, foi uma universidade. Isto foi em 1868, o verdadeiro anno da restauração imperial.

Principiaram então a apparecer escolas de varias especies e em 1873 o systema estava organizado e a educação estava em via de uma perfeita estabilização. Desde esta data o systema se tem aperfeiçoado e de tal modo se expandiu, que, hoje, 60 annos mais tarde, o Japão conta 45.000 escolas, com mais de 11.000.000 de alumnos.

Não ha outro paiz que offereça mais amplas oportunidades á educação primaria: 99 % das crianças das escolas elementares se encontram nos registros de frequencia.

Podemos dizer com segurança que o Japão é o paiz onde a educação é mais apreciada e querida. Apesar do augmento continuo do numero de escolas, é impossivel accomodar todos aquelles que desejam educação mais elevada. Esse interesse nota-se em todas as classes, independentemente de posições sociaes e de fortuna.

Em certos paizes, como os Estados Unidos e a Inglaterra, ha uma tendencia para não uniformizar a efficiencia e os "standards" escolares, os quaes dependem da região em que se encontra a escola: local rico,

local pobre, grande cidade, zona rural, etc...

Mas no Japão a localidade e o ambiente não influem na qualidade da escola, nem tampouco nos "standards" de educação. Sob este ponto de vista, a educação é no Japão mais democrata do que em qualquer outra parte do globo. Da mesma forma do que os ricos e os socialmente privilegiados, os pobres têm direito a bons professores e a boas escolas.

Em muitos paizes occidentaes é commum encontrar localidades com um professor apenas. Mas isto não acontece no Japão. Mesmo as aldeias mais isoladas possuem a sua escola com professores appropriados.

EDUCAÇÃO PRIMARIA

As escolas elementares japonezas dividem-se em duas classes: "Jinjo Shogakko" ou escolas primarias ordinarias e "Koto Shogakko" ou escolas primarias superiores. Considerando conjuntamente as duas classes de escolas verificamos que existem hoje no Japão 25.462 dessas escolas, com 199.662 professores e 9.129.791 alumnos. A percentagem de presença é superior a 99 %, percentagem esta a mais elevada do mundo seguindo-se-lhe a allemã com 82 % apenas. E' devido ao numero e a qualidade das escolas primarias que quasi não existem iletrados no Japão.

Depois de ter cursado a escola primaria ordinaria, a criança passa para a escola primaria superior, onde segue um curso de dois e ás vezes de tres annos, sendo em seguida graduada.

Os livros usados nessas escolas são compilados pelo Estado, de modo que este possa assegurar a standardização do systema e offerecer oportunidades iguaes a todos os alumnos. Mais de 57.000.000 desses livros são usados annualmente.

Os regulamentos exigem que os edificios em que funcçionam as escolas sejam adequados ao fim a que se destinam. Actualmente estão sendo

reconstruidos, nas regiões do terremoto, com material á prova de terremoto, geralmente ferro-concreto. Talvez não se encontre no mundo edificios escolares mais bellos do que as novas escolas de Tokio e de Yokohama.

Os edificios escolares constituem o centro intellectual das comunidades e ali se realizam os "meetings" para qualquer fim publico.

A relação entre professoras e professores nas escolas primarias é de uma professora para 49 professores. Todavia, o numero de professoras está augmentando rapidamente.

Dos 544.000.000 yens que a nação gasta annualmente com a educação, mais da metade é consumida pela educação primaria. Annexas ao systema da escola primaria existem varias organizações sociaes e de fins educativos. Assim, por exemplo, as associações de escoteiros, as escolas dos domingos, os clubs juvenis de varias especies. Os escoteiros encontram um excellente campo de acção no Japão, onde a idea desta associação remonta aos velhos dias feudaes, em que eram communs as organizações para jovens "samurais". O numero de escoteiros japonezes ultrapassa 1.000.000. Ha ainda uma organização semelhante, conhecida pelo nome de associação dos escoteiros do mar, reunindo aquelles que se interessam pelos negocios maritimos.

EDUCAÇÃO SECUNDARIA

Para a educação secundaria existem no Japão mais de 1.859 escolas secundarias, com mais 14.013 alumnos. Existem ainda 14.879 escolas profissionais (escolas vocacionaes: "vocational schools"), com 1.000.000 de alumnos. Todos os alumnos que completaram o curso na escola primaria podem ingressar na escola secundaria, cujo curso é de cinco annos. O "standard" exigido dos professores, nas escolas secundarias, é um certificado do Ministerio da Educação, que só póde ser obtido por aquelles que se graduarem por uma esco-

la normal ou por uma universidade.

Nas escolas secundarias, o estudo das materias já ensinadas no curso primario, é grandemente desenvolvido. As materias leccionadas são: instrucção civica, japonéz, inglez, francez ou alemão, moral, historia, geographia, mathematica physica chimica, historia natural, economia desenho, canto, gymnastica. O ensino tem principalmente por fim a formação de bons cidadãos, por este motivo elle se reveste de um cunho altamente moral.

Nas escolas masculinas ha ainda exercicios militares regulares, sob a direcção de officiaes do Exercito.

O Estado tem assim em mira não sómente cultivar o espirito de disciplina, como ainda desenvolver o physico dos alumnos. Ao inicio foram feitas algumas criticas ao exercicio militar, por introduzir na educação um elemento de militarismo; mas agora este exercicio é por todos considerado como altamente benefico á fibra moral da mocidade. Além disso, os rapazes, seguindo este exercicio, são dispensados do serviço militar de um anno nas fileiras do Exercito.

Existem ainda escolas secundarias nocturnas, destinadas aos jovens que não pôdem frequentar a escola de dia.

As escolas secundarias femininas teem uma organização algo differente da organização das escolas masculinas. O seu objectivo é fornecer uma boa educação geral de todas as materias uteis á mulher e trabalhar pela causa dos elevados ideaes femininos.

De mais de meio milhão de moças que deixam annualmente as escolas primarias, cerca de 55.000 entram nas escolas secundarias femininas. Por outro lado, de mais de 66.000 rapazes que saem das escolas primarias cada anno, sómente cerca 50.000 ingressam nas escolas secundarias.

Além das materias leccionadas nas escolas para rapazes, as escolas se-

cundarias femininas ensinam a sciencia domestica e o arranjo do lar.

ESCOLAS SUPERIORES (HIGH SCHOOLS)

Os candidatos ás universidades, depois de graduados pelas escolas secundarias, cursam escolas superiores ("high schools") que são por assim dizer cursos de especialização e preparação. Especializam os seus alumnos nas materias exigidas no exame vestibular das varias faculdades das universidades.

Com o fim de preparar professores para as escolas secundarias e superiores existem escolas normaes e collegios para treino dos professores, á razão de um por prefeitura. São ao todo 102 formados annualmente cerca de 10.000 professores. Para assegurar a formação de professores, em numero sufficiente, o Estado oferece bolsas aos estudantes que desejam prestar mais tarde serviços ao Departamento de Educação, na qualidade de professores, durante um certo numero de annos.

OUTRAS ESCOLAS

Existem ainda no Japão muitas escolas que cuidam do treino profissional. Dessas, 104 são escolas technicas, 330 escolas agricolas, 229 escolas commerciaes, 12 escolas da marinha mercante, 10 escolas de pesca, 113 escolas de profissões industriaes, com um total de 11.518 professores e 215.250 alumnos.

Ha ainda escolas profissionaes supplementares, com mais de 15.000 professores e 1.000.000 de alumnos. E existem finalmente outras escolas profissionaes, que fornecem uma educação especial: 17 escolas commerciaes superiores, 22 escolas technicas superiores, 14 escolas agricolas superiores e 2 escolas superiores de marinha mercante, com um total de 22.700 alumnos.

UNIVERSIDADE

Para administração da educação superior possui o Japão um grande

numero de excellentes universidades. Os graduados por estas universidades tornam-se as pilastras do Estado, contribuindo intensamente para o progresso nacional.

Existem cinco universidades do governo, cada qual com as suas faculdades apropriadas; 2 universidades commerciaes, 12 universidades particulares e grande numero de outras universidades.

Os graduados por essas universidades recebem o grão de "*gakushi*", que corresponde ao nosso grão de bacharel; se quizerem proseguir o curso especial depois de graduado, podem conquistar o grão de doutor. Naturalmente, a Universidade Imperial de Tokio assume a chefia, como "standard" de educação e os seus graduados occupam logares de destaque na politica, na industria e nos negocios internacionaes.

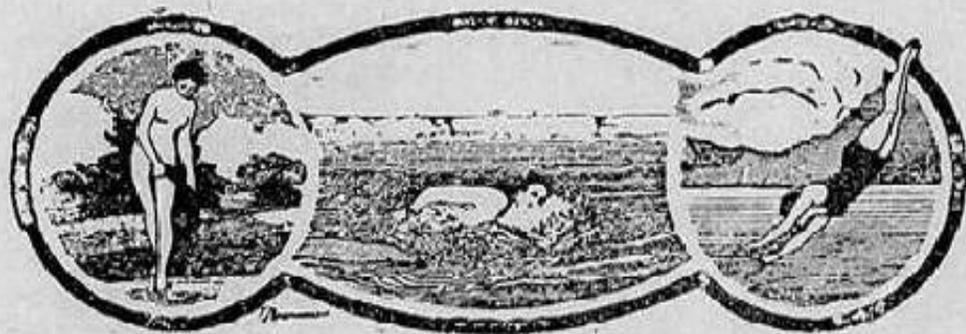
Os dados que terminamos de expor são todos elles extrahidos de um artigo publicado pelo Sr. Arikow, em um dos ultimos numeros da revista "*Te Japan Magazine*". Interessam de perto todos aquelles que se dedicam ao estudo das questões de educação. Encontrarão esses nas lições que nos offerece o Japão neste

particular, numerosos exemplos dignos de serem seguidos.

Ha poucos dias o professor Julino Moreira, o inseguie mestre da psychiatria brasileira, discorreu na Associação Brasileira de Educação, á cerca dos varios aspectos da educação no Japão. Fazendo o elogio do actual systema pedagogico japoniez, frizou que o paiz clamando ainda em 1870 pela solução do problema da educação, apresenta hoje uma frequencia escolar superior a 11.000.000 de alumnos. O que discutimos como deve ser feito está completo e brilhantemente resolvido no Japão.

Para a solução do problema maximo de nossa patria — a educação — muito lucraremos procurando applicar no Brasil systema que tão bons fructos tem produzido no Japão. De tal valor tem sido esses resultados que o Japão, desdenhado e esquecido ha cerca de 60 annos, occupa hoje um dos logares de mais destaque no concerto das nações civilizadas, é devidido principalmente a maneira feliz e brilhante pela qual resolveu a questão da educação nacional, em seus multiplos e complexos aspectos.

HENRIQUE PAULO DA CUNHA
BAHIANA.



O Riacho e a Enchente

(Fabula)

Antonio Salles

Era um regato humilde, quando veio
A invernosa estação, que, de repente
Lhe transformou o exiguo e claro veio
Em rumorosa e túrbida torrente.

Cheio de si, de jubilo fremindo,
Eil-o a correr, precipite, espumoso,
Arrastando garranchos, e investindo
Até contra um pau d'arco hercúleo e annoso.

Saiu do leito, e, em impeto arrogante,
Poz cerco d'agua a um murundú pacato
(Que amolleceu, desmoronou), e, avante
Seguindo, derramou-se pelo malto.

A um camponez, que, como de costume
Quiz transpol-o, elle oppoz-se, em tom de ameaça
De quem do seu valor muito presume,
Bradou: "Aqui, caboclo, não se passa!"

Perdera toda limpidez antiga
E todo encanto poético de outróra,
Quando, a cantar dulcissima cantiga,
Espelhava o céo puro e a rubra aurora.

Foram dias de gloria aquelles dias
Em que viveu na embriaguez da enchente;
Delle andavam as rezes fugidias,
E á sua margem se detinha a gente.

"Sou rio! murmurava o riachinho",
Entumescido de um orgulho insano;
"Sou rio! e hei de rasgar o meu caminho
Para triumphante desaguar no oceano!"

E até se affirma que, perdendo o senso,
Julgou que quando pelo mar entrasse,
Este, temendo o seu poder immenso,
O sceptro de Neptuno lhe entregasse.

Nisto, as chuvas cessaram; finda a enchente,
Viu-se o riachinho, mudo e contrafeito,
Pouco a pouco baixar, e, finalmente
Correr, muito corrido, no seu leito.

Veio o verão; todo o sertão ardia,
Aos éstos da canicula escaldante,
E o riachinho quasi não corria,
E mal molhava os pés ao viandante.

Um bemevi, que o enchera de louvores
Nos aureos tempos do seu poderio,
Disse, num tom sarcástico: "Senhores,
Este é o riacho que fingiu de rio?"



Que conclúe o leitor da nossa historia?
Que o riacho era um fátuo, certamente,
Mas, si ha enchente de riqueza ou gloria,
Com elle, perde o siso muita gente.



METHODOLOGIA

A Leitura Analytica

Jacotot, na primeira metade do seculo XIX, iniciou o methodo visual, para o ensino da leitura. Dizia elle que se nao devia ensinar as crianças, primeiro as letras, para passar ás syllabas e depois ás palavras. Era conveniente que as crianças dissessem primeiramente uma phrase e a decorassem, para, ellas mesmas, bem dirigidas, fazerem a decomposição em palavras, syllabas e letras.

Vogel, logo depois, modificou intelligentemente o systema preconizado por Jacotot, e instituiu as bases do ensino intuitivo da leitura e da escripta, creando o methodo de leitura chamado analytico-synthetico, ou de leitura-escripta.

As bases desse methodo são as seguintes:

1º. — O facto de ser a phrase, a primeira impressão verbal que impressiona o cerebro da criança. Esta opinião tem seu fundamento, segundo Décroly e Degoud, na propria psychologia infantil. As mães, instinctivamente, põe em pratica esse methodo para ensinar os filhos a falar. Expressando-se por phrases, por pensamentos, e não por letras ou palavras, conseguem que elles as comprehendam e, pouco a pouco, se exprimam.

Porque não seguir esse methodo no ensino da leitura? Por que não adoptar por base a evolução da linguagem da criança? Esta comprehende a linguagem auditiva, antes de poder exprimi-la, visto que executa ordens, taes como: *dá-me a mão; vem cá; levanta-te...*

Observemos de perto uma criança: notaremos que a phrase precede á palavra e geralmente a palavra empregada tem o valor de uma phrase apenas dizer isso, mas, talvez: *papae chegou; papae, segura-me; gosto de papae; vem, papae; papae, dá-me um brinquedo...*

Quando se deseja mostrar a outrem o retrato de uma pessoa, não se apresenta separadamente os differentes traços dessa pessoa.

2º. — A palavra, por si só, não tem propriamente valor. Ella é abstracta e só fica valorizada no contexto. A phrase conereta simples é preferivel á letra ou a syllaba abstracta, desprovida de significação.

3º. — Aprendendo primeiro as palavras as crianças precisam reuni-las afim de que formem sentido. Assim sendo, ellas se vêm obrigadas a fazerem um trabalho de synthese. Ora, as crianças não podem fazer syntheses antes de analysar. Dahi o methodo de leitura analytica, cuja exposição pormenorizada de cada phase é a seguinte:

METHODO ANALYTICO SYNTHETICO

Esse methodo tem cinco phases, a saber:

- 1ª. — phase preparatoria
- 2ª. — sentença
- 3ª. — palavra
- 4ª. — syllaba
- 5ª. — letras e terminações.

1ª Phase

Techonologia que a professora deve empregar no primeiro dia de aula:
Imaginando que seja a primeira aula que vae dar a analphabetos, a professora tem necessidade de organizar um meio de attender a todas as cri-

anças. Ora, como ella ainda não conhece a capacidade de cada um, é obrigada a mandar formar os alumnos e, em seguida, attendendo ao tamanho, classifica-las em tres secções: *menores, medios, maiores*.

Para que elle possa trabalhar com uma secção, dará trabalho ás outras. Por exemplo: os *menores* irão trabalhar com algum jogo decrolyano (côres, jogo visual); os *medios* irão desenhar qualquer coisa e os *maiores* a professora os levará ao quadro negro, collocando-os á sua direita e por sua vez ficará á direita no quadro negro.

Depois de obter algumas sentenças das crianças, separa tres e pergunta á secção, por exemplo:

—Que é que o giz vae fazer?

Escreve a phrase enunciada e manda que uma criança leia rapidamente, evitando que ella gagueje. A phrase será lida por toda a secção.

Nota — Na primeira aula, a professora pôde, com proveito, fazer o *jogo dos nomes*. Consiste no seguinte: a professora pergunta o nome dos alumnos e vae escrevendo-os em duplicata, em cartãosinhos. Depois, fica com um de cada especie e entrega a cada alumno o cartãosinho com o proprio nome, dizendo:

—Prestem attenção, o que está escripto é o nome de cada um de vocês.

Dirigindo-se a um menino:

—Qual é o seu nome?

—José Alves

—Então, que tem escripto?

—José Alves

—Muito bem, não esqueça.

O jogo é feito com toda classe. Depois, dos cartões com que ella ficou, toma um com o nome do primeiro menino e dois diferentes. Baralha os tres e chamando a criança, lhe diz:

—Dê-me o cartãosinho com o seu nome. Então você já conhece mesmo o seu nome? Veja lá eu vou ficar com o seu nome e você vae procurar aqui o seu.

Se o menino fôr intelligente, reconhecerá logo o nome. A professora mandará então que a criança compare os cartãosinhos. Si ella não acertar, repete-se a experiencia até que ella acerte, a não ser que se trate de criança um tanto anormal. Neste caso, aguardar-se-á occasião propicia para se repetir o jogo.

A professora deve fazer a experiencia com todas as crianças. Da segunda vez deste exercicio, o professor poderá augmentar o numero de cartões a baralhar. Chegará um momento em que ella baralhará os cartãosinhos de toda a classe, até que cada menino seja capaz de descobrir o seu cartão. Mais ainda, muitos meninos descobrirão tambem os cartões dos seus colleguinhas.

A professora conversará com as crianças, acerca das pessoas de casa, dos brinquedos, dos seus habitos, da escola, etc.

2ª Phase — a sentença

Como obter sentenças?

1º modo: Por meio de fabulas, historias, contos de fadas, etc.

2º modo: Por meio de observação dos objectos, como, por exemplo— livro, copo, etc.

3º modo: Por meio de observação de seres naturaes: rosa, gato, pombo.

4º modo: Por meio de estampas, gravuras — folhinhas, chromos, postaes, albuns, etc.

5º modo: Por meio de historietas contadas pelos próprios alumnos.

Technica de desenho — A' medida que se vae desenhando, vae-se contando á classe o que se está fazendo para que as creanças observem. A professora desenha no quadro negro e a classe reproduz. A classe poderá occupar-se em desenho de imaginação.

Comparação — Escreve-se, por exemplo, tres sentenças no quadro negro. Depois, em outro quadro negro separado, escreve-se uma só dessas sentenças e pergunta-se ás crianças, com qual das primitivas esta sentença se parece. Póde-se perguntar:

— Menino, com qual pedacinho este se parece? Este é igual? E este? Que é que está escripto aqui? Repetir sempre nas sentenças as mesmas palavras, afim de que as crianças as gravem bem. Manda-se que ellas copiem num cartãosinho e guardem numa caixa. E' a sentença que ellas devem gravar, pois, foi a destacada. São chamadas estas palavras — *palavras mekizes* por exemplo: *A bola é de Maria. A bola é vermelha. Maria quebrou a bola.*

Nota — Evitar os possessivos. Evitar que as sentenças tenham mais de dez syllabas. Os jogos decrolyanos são tambem usados.

Jogo Decrolyano — Em cartões, collam-se gravuras de animaes, homens, crianças, realizando acções. Nos cartãosinhos separados estão escriptas as sentenças, indicando acções. As crianças devem collocar os cartãosinhos sobre as gravuras.

Quadro de annuncios — A professora faz diversos letreiros com dizeres, por exemplo: *Vamos agora ao recreio. Vamos fazer continhas. Vamos escrever. Agora é aula de gymnastica.* Com dois páos se arranja isto. Vae-se enrolando com um e desenrolando com outro.

Coordenação das lições — Em qualquer lição, deve-se escrever uma sentença completa. Deve-se tambem fazer o desenho allusivo. Exemplo: Historia do Brasil: pode-se collar na lousa o retrato de Cabral e escrever a sentença relativa. Assim em Botanica, em Geographia, etc.

3º Phase — A palavra

1º — Em sentenças repetem-se certas palavras (primeira lei de analyse) que se destacam mentalmente. Exemplo:

Paulo e Maria brincam
Paulo brinca com a bola
Maria brinca com a boneca
Eu vejo a boneca e a bola
A boneca é de louça
A boneca é vermelha.

2º — Quantos pedacinhos ha nesta sentença — *Paulo brinca com a bola?* Cada pedaço é uma palavra. Quantas palavras tem então a sentença?

3° — A fragmentação em columnas, escadas, folhas de arvore, casas, etc.

4° — *Jogo decrolyano* (loto) — Collam-se gravuras de animaes, plantas, etc., cm taboinhas ou cartões com o nome em baixo, em letra de forma. Em pequenos cartões com letra manuscriptas. Póde-se fazer tambem um só cartão com os nomes para nelle serem colladas as gravuras.

5° — *Caixa fechada com objectos* que façam ruido. Ao lado da caixa uma lista para a criança ler. Quem ler a lista póde tirar um brinquedo para ir brincar. Listas diversas de conformidade com o adiantamento das crianças.

6° — *Etiquetas em objectos.*

7° — Nome de todos os objectos que pertençam as crianças.

8° — Com palavras conhecidas formar novas sentenças:

Lulú e Zezé são irmãos

Lulú brinca com Dadá

Dadá é um cashorrinho.

(E' bom fazer com giz de côres para os visuaes)

—Quem quer ler? (Já são palavras conhecidas das crianças). Vamos tirar algumas palavras.

Lulú
irmão
Zezé
São

—Quem quer formar novas sentenças com estas palavras? (é bom variar a côr, para que a criança leia pela fórmula e não pela côr).

9° — *Folhinha perpetua* — Nome dos dias, das semanas, dos mezes.

10° — *Jogo decrolyano* (caixas de phosphoros com arroz, feijão, etc. Trocar as tampas).

11° — *Completar sentenças:*

Lulú e Zezé são.....o que?
Lulú brinca com o.....o que?
Eu tenhoanos ?
Eu vi o.....do beija-flôr?

12° — *Pequenos dictados* de palavras conhecidas. Exemplo: *Aqui estão dois cães. O maior é Boneco. O menor é Fiel. Boneco com a bola.* (No dictado apagar a palavra errada antes que a criança fixe o erro. Escrever a palavra certa no quadro negro. Repetir palavras da primeira, na segunda sentença e assim por diante.

13° — *Ler palavras salteadamente*, de maneira a formar sentenças novas. (Escreve-se a sentença e apontando faz a criança ler salteadamente).

14° — *Ordens de acção* — O 1° no banco; o segundo, corra; o terceiro, salte; o quarto, escreva, etc.

15° — *Grupos analogicos* — (palavras cognatas) Exemplo:

Laranja
Laranjinha
Laranjal
Laranjeira
Laranjada

Rosa
Rosinha
Rosada
Roseira
Rosal

Doce
Doceira
Doçura
Docinho

16° — *Associações* — Ouvindo a palavra de que é que a criança se lembra?

Casa
Sala
Quartos
Quintal

Arvore
Galhos
Folhas
Fructos
Flores

17° — *Contrastes* — Qual é o contrario de....?

Bonito
Feio

Grande
Pequeno

Alto
Baixo

18° — *Tempos de verbos*:

Li
Leio
Lerei

Vi
Vejo
Verei

Corri
Corro
Correrei

19° — *Elementos dispersos das sentenças*:

bom—Pulo é um menino
casa—o vejo Eu pequena
Casa—Raul esta é a.

Nota — Muito cuidado para a criança não syllabar.

4ª Phase — Syllabas

1° — *Transição* — Emprego de syllabas repetidas: *bebe, bobo, fófo, Lulú, Zezé, côco, vovó, Nenê, Totó, etc. Mamãe, Titia,* (Fazer sentenças).

2° — *Monosyllabos* — *Pé, sol, dó, não, cae, sal, vê, lê, mão, giz, etc.* (Fazer sentenças e empregar os monosyllabos).

3° — *Começo das palavras*:

Laranja começa em *la*
pato começa em *pa*
livro começa em *li*

—Quem sabe uma palavra que começa em *la*? E laranja começa em que?

4° — Em quantas vezes eu digo boneca? (Cuidado para não deixar syllabar). Veja bem em quantas vezes eu digo *menina* (rapidamente). Que é que eu digo primeiro? (me) depois (ni) e depois (na).

5° — Listas de palavras com a mesma syllaba inicial:

Casa
cadeira
caneta

dedo
dedal
dovo

4° — *Supressões* — Escreve-se no quadro negro as palavras e depois manda-se que, ao lado, a criança transcreva estas palavras sem a primeira letra:

faro	aro
lama	ama
fato	ato
mira	ira

5° — *Intercalações* — Apresenta-se uma letra, por exemplo: r (a criança deve intercalar o r):

gato	grato
gama	grama
feio	freio
fita	frita

6° — *Substituições*:

Esmola	Agulha	Carta
f	rr	n

(Manda-se a criança tirar a letra que cortar e botar a que está em baixo — *esfola, arrulha, canta*.)

7° — Decompor palavras em syllabas e estas em letras.

8° — Exercícios de imprensa. Cubos de madeira com uma só letra.

Terminações

1° — *Genero, numero e gráo*:

Casas	Livro	Bola	Mesa
casa	?	?	?

Pergunta-se á criança: *Que é que tem nesta palavra que nesta outra não tem?*

pato	uso	gato	rato
pata	?	?	?

2° — *Em eira*:

rosa	laranja
roseira	?

3° — *Do participio*:

canta	ri
cantando	rindo

4° — *Rimas*:

gala	bala
mala	rala
fala	cala

Estudo do alphabeto

- 1º — Copias numerosas do alphabeto
- 2º — Por cartões na ordem alphabetica
- 3º — Separar letras maiusculas e minusculas
- 4º — Separar vogaes e consoantes
- 5º — Copiar letras sem hastes
- 6º — Copiar letras com hastes
- 7º — Escrever uma palavra e apagar as vogaes
- 8º — Escrever uma palavra e apagar as consoantes.

Observações

1º — E' preciso ter todo o cuidado com a disciplina na classe; é preciso que as crianças prestem atenção as palavras e não conversem ou brinquem e não respondam sem serem designadas.

2º — A pergunta se faz á secção e não a um só alumno.

3º — A criança deve ler em tom natural e não separando as palavras. Não se deve interromper a leitura para corrigir a criança e sim esperar que ella termine a sentença. A leitura deve ser primeiro silenciosa, depois em voz alta.

4º — Varias sentenças declarativas, interrogativas, imperativas, etc.

5º — A primeira, a segunda e mesmo a terceira lição inicial, devem conter somente tres sentenças curtas. Depois conterão cinco, sete e mais.

6º — Antes de cada lição nova, recordar uma lição anterior.

7º — De vez em quando, variar a escripta no quadro negro, escrevendo as sentenças, ora em letra vertical, ora em letra de forma.

8º — Deve-se fazer no quadro negro, um quadro de recapitulação, contendo todos os dias da semana: uma casa trará as palavras dadas na segunda-feira, outra na terça, assim por deante.

9º — A miude se fará um exercicio de associação de idéas: — De que você se lembra quando vê o sol? A cidade? A rosa?

Nota — A professora D. Analia Leite está praticando perfeitamente, no grupo escolar "D. Pedro II" o ensino de leitura e escripta pelo methodo analytico synthetico, com optimos resultados, e se promptifica a transmittir a pratica desse methodo ás suas collegas, que o queiram adoptar.

O Espirito Alheio

Em presença do celebre escriptor Mark Twain falava-se nos homens que desfructam a vida, procurando, por todos os meios, por vezes irregulares, retirar della todo o proveito possível.

— Nesse genero, disse Mark Twain, ninguem superou ainda um camponez que conheci e vive numa aldeia dos Estados Unidos. Tendo vendido ao genro a metade de uma vacca, recusou dividir com elle o lei-

te, pois dizia ter vendido a parte da frente. Pela mesma razão, o genro era obrigado a pagar a herva que o animal comia; e uma vez, tendo a vacca ferido com uma chifrada uma vizinha, só o genro do camponez teve de indemnizar essa mulher, porquanto o velho camponez declarou que se responsabilizaria por um couce do animal, mas a cabeçada da vacca pertencia ao genro.

A ESCOLA ACTIVA

São diversos os planos de organização da Escola Activa, que estão sendo praticados na Argentina, no Mexico, nos Estados Unidos, em varios paizes da Europa e se tentam, medrosamente, no Brasil, notadamente em S. Paulo e no Districto Federal.

Em Pernambuco tentou-o o professor Ribeiro Escobar, o que fez levantar contra os seus propositos uma onda formidavel de opposição.

Entre nós não se tem uma idéa exacta do que seja a Escola Activa ou Escola do Trabalho. Infelizmente o nosso magisterio, que conta, aliás, esplendidos elementos capazes de realizar a reforma pedagogica dos nossos rotineiros processos educacionaes e de transmissão de conhecimentos, ainda não se familiarizou com Washburne, Decroly, Dewey, Ferrière, Calderaro, Winneltra, Claparède e demais reformadores scientificos da Pedagogia. Entre nós, a Escola Activa, pode-se affirmar, não se pratica e ainda é o alvo predilecto das chacotas pedantescas dos nossos interessantes homens de imprensa, dos prodigiosos mentores da instrução popular que vinhamos tendo e dos mantenedores da nossa archaica organização escolar.

Damos a seguir alguns planos e programmas da Escola Activa:

ESTRUCTURA DA ESCOLA AUTO-ACTIVA

<p>A CRENÇA —————></p> <p>um ser activo, com sua capacidade psycho-biologica — centro de toda a actividade escolar. --</p>	<p>NECESSIDADES ———></p> <p>de crescimento e adaptação (organicas e intellectuaes). Instinctos Tendencias</p>	<p>DESEJOS —————></p> <p>Curiosidade Interesses (espontaneos ou despertados).</p>
<p>————> FUNCCÃO DE ———></p> <p>UMA OPERAÇÃO PSYCHICA.</p>	<p>ACÇÃO: —————></p> <p>Jogos Trabalhos (que satisfazem os desejos).</p>	<p>CONHECIMENTOS E MODIFICAÇÃO DA CONDUCTA</p>

NOTA I —

A lição deve ser uma resposta.
A actividade deve ser motivada.
Não: "FAZER trabalhar, mas: "PERMITTIR trabalhar".
A individualisação do ensino adequada a cada individuo.

NOTA II —

A realidade nos convence de que a actividade escolar deve ser distribuida como recommenda Ferrière:

a) 1/10 de actividade espontanea, de liberdade absoluta (não prejudicando a si ou outrem:) jogo, construcção, ou trabalho, inteiramente espontaneos.

b) 8/10 de actividade enxertada na actividade espontanea, no interesse suscitado: jogo, construcção, ou trabalho — cuja base é espontanea, mas cujo fim o adulto orienta para finalidades, acrecendo as capacidades: enxerto de actividades, physiologica e psychologicamente uteis, no tronco da actividade espontanea.

c) 1/10 de actividade imposta: actividade, physiologica e psychologicamente util, que a creança, porém, não faz com todo seu agrado.

NOTA III —

Para completo esclarecimento, ler os trabalhos de Claparède, Dewey e Ferrière.

ORGANIZAÇÃO MODELAR, IDEADA POR FERRIERE

Trabalho individual:

Das 8 ás 10 horas

a) *Trabalho individual estandardizado*: para todos, cada um avançando a seu passo (methodo de Winnetka, de Charleton W. Washburne): tambem comportando *estudos pessoais* para o trabalho dos centros de interesse.

b) *Trabalho individual livre*: para os que terminaram seus trabalhos estandardizados e seus trabalhos pessoais.

Trabalho colectivo:

De 10 ás 12 horas

a) *Trabalho colectivo organizado*: em torno dos centros de interesse — observação, medida, tecnologia, historia, geographia, expressão verbal ou manual em relação com o centro estudado, sendo o producto do trabalho classificado em seu logar logico no "caderno de vida" ou classificador de folhas moveis (methodo Decroly e Ferrière).

De 2 ás 4 horas

b) *Trabalho colectivo livre*: conforme o "methodo de projectos" de Dewey.

NOTA — Para completo esclarecimento, ler os trabalhos de Washburne, Decroly, Ferrière e Dewey.

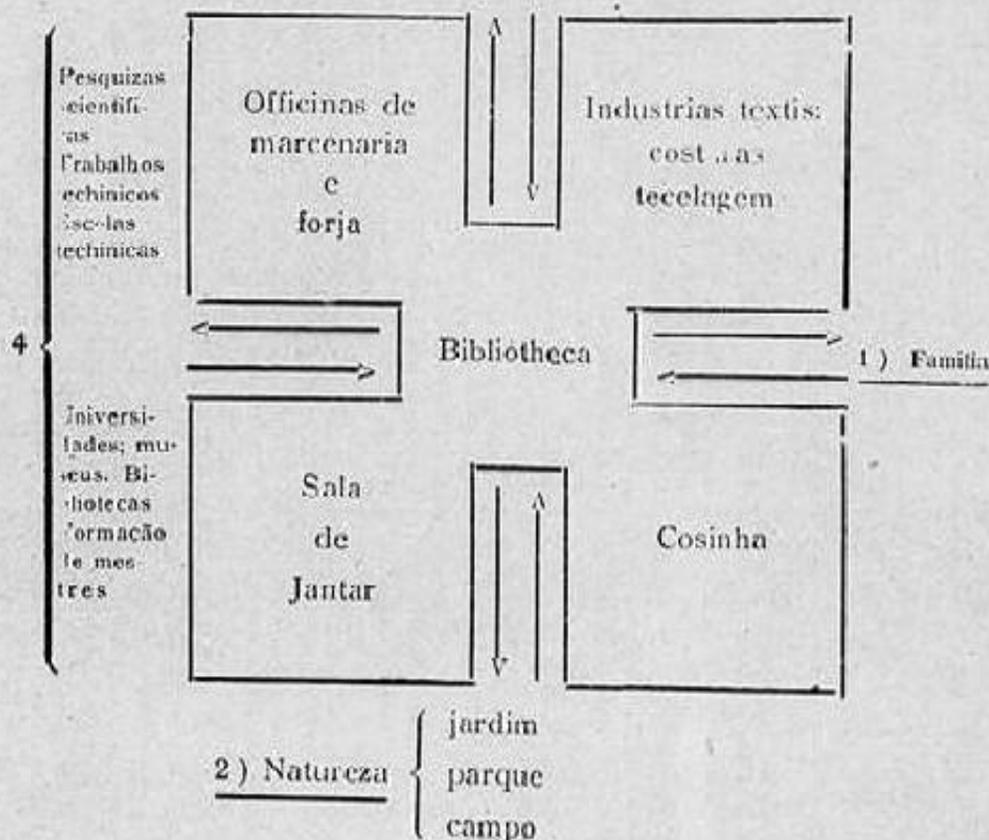
PLANTA SYMBOLICA DA ESCOLA IDEAL

Com 4 centros theoreticos e 4 praticos. Ligação da escola á vida. Ideada por DEWEY

1: PAVIMENTO

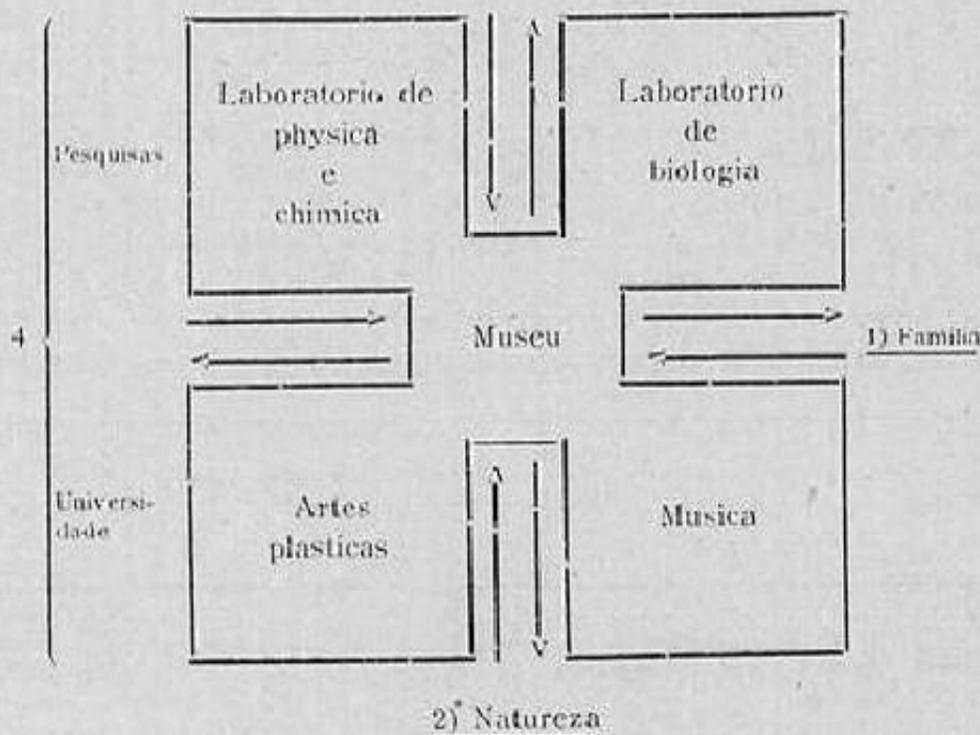
3) Mundo dos negocios

economia
industria
commercio



2. PAVIMENTO

3. Negocios



NOTA—Para completo esclarecimento, ler os livros de Dewey.

PROGRAMMAS SUGGESTIVOS

Ensina Dewey: Assim como dois pontos determinam uma recta, o estado mental actual de uma criança e os factos e verdades contidos nas sciencias delimitam a instrucção. Não se deve attender ás materias de ensino em si mesmas, mas em suas relações com um processo de crescimento integral.

Por isso a escola activa extremada não tem programma prefixado nem horario: as lições são occasionaes e o programma feito pelos alumnos de accordo com os interesses dominantes.

Enquanto, porem, não se attinge esse ideal — que aliás só se reservará para os virtuoses da educação, como O'Neill e Bakulé — faça CADA escola o seu programma especial attendendo á vida da criança, ao seu ambiente e aos seus interesses naturais, ou aos interesses suscitados e ambientes artificiaes, em que não é o mestre que ensina, mas o material.

Exemplificam-se aqui alguns typos novos de programma, como suggestões.

A maneira de utilizar um programma é importante. Assim, no plano Dalton, ha 2 horas e 40 de trabalho dirigido, obrigatorio e 3 e 20 de trabalho livre, em que o alumno escolhe o assumpto entre os cartazes adaptados ás suas aptidões e muda de sala-ambiente quando quer. No methodo de Winnetka, o trabalho individual occupa 32 % do tempo, o da classe 11 %, o livre por grupos 42 % e varios 15 %; ha um programma minimo obrigatorio para todos e manuaes escriptos de accordo com esse programma, que é dividido em unjdades de trabalho agrupadas por fins, com exercicios de adextramento para cada unidade e teste de adextramento para cada fim: alcançado um fim, ha o teste de controle e exercicios correctivos para as falhas; nas fichas de cada materia marca-se a data de cada exito e faz-se o perfil dos exitos: no verso, poem-se os dados sobre a actividade livre e collectiva.

Entre os pontos communs dos programmas novos, destaca-se a sua divisão, não em materjas, mas em ideias-centros. Nesse sentido, Seyfert faz da "Sciencia do trabalho" o centro do ensino, comprehendendo a botanica, zoologia, physica, chimica, mineralogia, tecnologia, considerações scientificas, historicas, sociaes, etc.: no 5º anno, se estudam como TODOS que se decompõe em varias materias, a alimentação e o vestuario, no 6º — a habitação, no 7º — phenomenos meteorologicos e machinas, no 8º — o tráfego.

Seguem-se os programmas russo, hollandez e belga.

PROGRAMMA RUSSO — A "ESCOLA UNIFICADA DO TRABALHO", DOS SOVIETS

	<i>Natureza e Homem</i>	<i>TRABALHO</i>	<i>SOCIEDADE</i>
1º. anno	As estações	Os trabalhos domesticos na cidade e no campo	A casa e a escola
2º. anno	O ar, a agua, o solo, as plantas e os animais.	O trabalho na localidade da creança	As instituições officiaes da aldeia ou da cidade
3º. anno	Elementos de physica e de chimica. A natureza da localidade. O corpo humano e sua vida.	A vida economica da região	As instituições officiaes da região. A historia da patria
4º. anno	A geographia da Russia e de outros paizes. A vida do corpo humano.	A vida economica da U. R. S. S. e dos outros paizes	Organização politica da U. R. S. S. e dos outros paizes. Historia da vida da humanidade

NOTA I. — O programma não é formado de materias distinctas, mas de "complexos" ou "conjunctos concretos" (dominio agricola, fabrica, etc.) escolhidos nas redondezas da escola e cada um explorado durante um trimestre.

Cada classe forma uma comunidade de trabalho, e divide-se em grupos para estudo das varias tarefas do assumpto principal.

Os trabalhos feitos pelas creanças formam a materia prima das pesquisas: os alumnos fazem inspecções e inqueritos e depois discutem o estudam. Dahi surgem centenas de problemas sobre os quaes se inculca o programma regular: assim, do equipamento tecnico de um conjuncto (illuminacão, gaz, electricidade, encanamento de agua, etc.) se passa á physica: das condições hygienicas de um povoado, á hygiene; da observacão da estrutura economica de um conjuncto, á economia e sua evoluçõ no curso da historia; da vida intellectual de uma comunidade, á cultura em geral; assim tambem se aprende a mathematica, o desenho, a composicão, etc., e a utilisacão dos recursos scientificos — manuaes, mapas, diagrammas, bibliothecas, museus, etc.

O methodo complexo só se emprega nos 4 primeiros annos: nos outros, o ensino é feito por materias, coordenadas, porém, no sentido do conjuncto dado.

NOTA II. — O self-government é uma forma de cooperacão, onde as tarefas da comunidade se repartem entre os mestres, paes e alumnos, Ahi o sentimento do "nós" é tão primario como o do "eu" entre as creanças das outras escolas.

PROGRAMMA HOLLANDEZ — O "JARDIM ESCOLAR" DE JAN LIGTHART

Classes e Edades	NATUREZA (Produção da matéria prima)	Sociedade Industrial (Transformações da matéria prima)	Sociedade dos Consumidores (consumo da matéria prima)
I anno: 6 a 7 annos	<p style="text-align: center;">PRADO</p> <p>— Relva semeada de flores do prado.— Calha de zinco com agua, lentilhas de agua, rans: são os canaes da Hollanda. — Fastagens e animaes que as povoam.</p>	<p>— Industrias do leite e da lã, de que o prado fornece a matéria prima</p> <p>— Industrias da madeira (?).</p>	
II anno: 7 a 8 annos	<p style="text-align: center;">CAMPO</p> <p>— Cultura dos campos: cereaes, batatas.</p> <p>— Lições de coisas: agricultura, alimentação.</p>	<p>— Industrias: trigo, farinha, pão.</p> <p>— Industria da pedra talhada (?).</p>	
III anno: 8 a 9 annos	<p style="text-align: center;">HORTA</p> <p>— Culturas: alface, couve, feijão, cenoura, pepino.</p> <p>— Lições de coisas: cultura das hortas.</p>	<p>— Industria: conservas das fructas e dos legumes.</p> <p>— Industrias: olaria e seramica (?).</p>	<p>Commercio das fructas e legumes. Geographia e historia (historia das conquistas do homem sobre a natureza).</p>
IV anno: 9 a 10 annos	<p style="text-align: center;">TERRENO ARGILOSO</p> <p>— Culturas: canhamo, linho (fibras); estes e coiza (sementes oleagionosas); beterraba (raizes); chicorea e fumo (folhas).</p> <p>— Lições de coisas.</p>	<p>— Industria textil: canhamo, linho.</p> <p>— Industria alimentar, beterraba, chicorea.</p>	
V anno: 10 a 11 annos	<p style="text-align: center;">TERRENO ARENOSO</p> <p>— Culturas: centeio e batata; trigo mourisco, tremoço (este para adubo verde); tulipas e jacinthos.</p>	<p>— Industria do papel (centeio), da fecula e do amido (batata); do vidro (areia e soda).</p>	
VI anno: 11 a 12 annos	<p style="text-align: center;">COLONIAS</p> <p>— Horticultura — Jardim para desenvolvimento do senso esthetico.</p>	<p>— Industrias do couro (pelles); dos objectos de ferro (minerio).</p>	

NOTA I. — Lighthart nos 3 primeiros annos, narra a viagem ficticia de uma familia ás paizagens caracteristicas da Hollanda, florestas, carrascaes, brejo e regiões cultivadas. — Nos 3 ultimos, estudam-se estes problemas, na machina a vapor e no corpo humano: 1°. — Como a energia é transformada em movimento mecanico. 2°. — Como este movimento é transmittido. 3°. — Como as materias primas são transformadas em productos novos.

NOTA II. — Quando se planta beterraba (botanica) e se faz assucar (industria), estuda-se a Zelandia (geographia) e a osmose, crystalisação e soluções (physica). — Estudam-se as industrias na ordem do seu apparecimento na historia da civilisação.

NOTA III. — Seria bem adaptar as "collectividades naturaes e biologicas". *Prado*: dente de leão, rainunculo, salvo dos prados: toupeira, corvo, tentilhão, abelha. *Campo*: trigo, batata, ervilha: lebre, cotovia, vibora, besouro.* *Brejo*: esnico, salgueiro, cegonha, ran, libeliula. *Vinhedo*: vinha, estorninho, caracol. *Passeio Publico*: castanheira da India, tilia, platano, pardal. *Floresta*: anemona, carvalho, morangueiro, belladona, cogumello, raposa, picanco, coruja, formiga russa. *Montanha*: pastagens, arvores, rhododentro, genciana, camelo, aguia. *Aguaes*: geleiras, torrentes, truta, carangueijo, salmão, lucio, harenque, baleia. *Padras, rochas e terras*: calcareo, granito, areia e vidro, cal, ardosia, argila e tijolos. *Metaes*: ferro e chumbo, estanho, cobre, prata, ouro.



ACTOS OFFICIAES

DECRETO N. 1409

De 5 de Novembro de 1930

Crêa a Inspectoria Technica do Ensino.

O Governo Provisorio do Estado de Alagoas, no uso de suas attribuições e visando dar orientação segura e efficiente ao ensino:

DECRETA:

Art. 1º. — Fica creado, junto ao Departamento Geral da Instrucção Publica, a Inspectoria Technica do Ensino, que será constituída:

a) de 1 Inspector Technico, de livre nomeação e demissão do Governo do Estado;

b) de 1 Dactylographa commissionada;

c) dos actuaes Inspectores Geraes do Ensino;

d) das actuaes Visitadoras de Hygiene Escolar;

e) de 1 Amanuense, para o serviço de Estatística.

Art. 2º. — O Inspector Technico perceberá os vencimentos annuaes de 12:000\$, a Dactylographa 1:200\$ e o Amanuense 6:000\$000.

Art. 3º. — O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica baixará instrucções regulamentando a Inspectoria Technica do Ensino.

Art. 4º. — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de Alagoas, em Maceió, 5 de Novembro de 1930, 42º da Republica.

DR. HERMILIO DE FREITAS MELRO.

Orlando Araujo.

Publicado na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em Maceió, 5 de Novembro de 1930.

José Maria Correia das Neves, Director.

DECRETO N. 1411

De 5 de Novembro de 1930

Supprime as Juntas Escolares de que trata o Decreto n. 1.140 de 19 de Setembro de 1925.

O Governo Provisorio do Estado de Ala-

goas, no uso de suas attribuições e como medida de economia,

DECRETA:

Art. 1º. — Ficam supprimidas as Juntas Escolares de que trata o Decreto n. 1.140 de 19 de Setembro de 1925.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de Alagoas, em Maceió, 5 de Novembro de 1930, 42º da Republica.

DR. HERMILIO DE FREITAS MELRO.

Orlando Araujo.

Publicado na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em Maceió, 5 de Novembro de 1930.

José Maria Correia das Neves, Director.

DECRETO N. 1412

De 5 de Novembro de 1930

Crêa em cada Municipio do Estado o cargo de Fiscal do Ensino.

O Governo Provisorio do Estado de Alagoas, no uso de suas attribuições e no interesse de bem servir a causa publica,

DECRETA:

Art. 1º. — Fica creado em cada Municipio do Estado o cargo de Fiscal do Ensino.

Paragrapho unico. — Nas sédes de Comarcas serão Fiscaes do Ensino os Promotores Publicos, e nos termos os Juizes Municipaes ou seus respectivos adjuntos e supplentes, quando em exercicio, não dependendo de acto de nomeação o seu exercicio que será communicado ao Departamento Geral da Instrucção Publica.

Art. 2º. — Compete aos Fiscaes do Ensino o disposto nos ns. 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 do Art. n. 314 do Decreto n. 1.140 de 19 de Setembro de 1925.

Art. 3º. — O cargo de Fiscal do Ensino é honorifico e constitue serviço publico relevante.

Art. 4º. — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de Ala-

goas, em Maceió, 5 de Novembro de 1930, 42^a da Republica.

DR. HERMILIO DE FREITAS MELRO.
Orlando Araujo.

Publicado na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em Maceió, 5 de Novembro de 1930.

José Maria Correia das Neves, Director.

DECRETO N. 1428

De 1^o de Dezembro de 1930

Cria o Instituto "Gabino Besouro".

O Interventor Federal do Estado de Alagoas, no uso de suas attribuições,
DECRETA:

Art. 1^o. — Fica criado, na cidade de Penedo, o Instituto "Gabino Besouro", destinado a ministrar, gratuitamente, o ensino profissional primario a alumnos de ambos os sexos.

§ unico. — Esse Instituto formará operarios, contra-mestres e mestres, ministrando o ensino pratico e os conhecimentos technicos necessarios aos menores que pretenderem aprender um officio, havendo para isso as Officinas de Trabalho Manual ou Mechanico, de que trata o artigo 3^o e ainda as que de futuro forem criadas.

Art. 2^o. — O Instituto terá além da aprendizagem do officio, o curso infantil, o curso primario, o curso geral e o de Desenho e Trabalhos Manuaes.

§ 1^o. — O curso infantil será feito em dois annos; o curso primario ou prevoocional, em quatro; o curso geral em quatro: primeiro e segundo — fundamental, e terceiro e quarto — complementar; o curso de Desenho Geral e de Trabalhos Manuaes será feito paralelamente aos cursos infantil e primario.

Art. 3^o. — As secções de officinas correlativas que compõem as diversas profissões, são:

- a) secção de mechanica pratica;
- b) secção de trabalhos de madeira;
- c) secção de artes texteis;
- r) secção de fabrico de calçados;
- e) secção de artes decorativas;
- f) secção de feitura de vestuario masculino;

g) secção de feitura de vestuario feminino;

- h) secção de actividades commerciaes;
- i) secção de actividades domesticas;
- j) secção de artes graphicas.

§ unico. — Quando for opportuno, será criada uma banda de musica, que ensaiará á noite, sem prejuizo das aulas e da aprendizagem nas officinas.

Art. 4^o. — Além dos Cursos de que tratam os artigos 2^o e 3^o, que são a principal finalidade deste Instituto, serão mantidos tambem:

- a) o curso rural, em dois annos, para a formação de Professores Ruraes;
- b) um curso preparatorio equiparado ao curso anexo da Escola Normal e um curso de admissoão ao Collegio Pedro II.

§ unico. — O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica baixará instrucções regulamentando o funcionamento de todos esses cursos e poderá desdobra-los, amplia-los ou supprimi-los, conforme as exigencias locais.

Art. 5^o. — O Instituto terá o regimen de Externato e o Aprendizado das Officinas durará quatro annos, sendo o ultimo de especialização.

Art. 6^o. — O Instituto terá, durante o seu primeiro anno de funcionamento, o regimen de Grupo Escolar.

Art. 7^o. — O Instituto poderá ser installado com qualquer numero de officinas.

Art. 8^o. — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo, em Maceió, 1^o de Dezembro de 1930, 42^a da Republica.

DR. HERMILIO DE FREITAS MELRO.
Orlando Araujo.

Publicado na Secretaria de Estado dos gocios do Interior, em Maceió, 1^o de Dezembro de 1930.

José Maria Correia das Neves, Director.

DECRETO N. 1429

De 1^o de Dezembro de 1930

Cria o Curso Rural anexo a cada um dos Grupos Escolares dos Municipios e dá outras providencias.

O Interventor Federal, no Estado de Alagoas, no uso de suas attribuições,

DECRETA:

Art. 1º. — Será creado, annexo a cada um dos Grupos Escolares dos Municipios, um Curso Rural, em dois annos, para a formação de Professores Ruraes.

§ 1º. — O primeiro anno constará de Portuguez, Calligraphia ambidextra, Geographia Geral e Chorographia de Alagoas, Historia do Brasil, Sciencias Physicas e Naturaes, Instructão Civica, Arithmetica, Logicidade, Geometria, Desenho, Canto, Gymnastica e Trabalhos Manuaes.

§ 2º. — O segundo anno constará da revisão do programma do primeiro anno e mais Pedagogia, Didactica Elementar e Pratica de Organizaçõ Escolar.

§ 3º. — Os programmas serão organiza-dos pelo Departamento Geral da Instrucçõ Publica, tomando-se em consideraçõ a zona em que for installada a Escola.

Art. 2º. — O alumno que concluir o Curso só poderá ser nomeado Professor Rural da localidade do mesmo Municipio de sua residencia e será inamovivel.

Art. 3º. — Os Professores do Curso Rural serão nomeados em commissõ, escolhidos dentre os Professores do proprio Grupo, com a gratificaçõ mensal, até 100\$000, havendo dois Professores para cada anno quando a matricula exceder de 15 alumnos.

Art. 4º. — O Director do Departamento Geral da Instrucçõ Publica baixará instrucções sobre o funcionamento desse Curso, cujo programma de ensino deve ter o caracter regional.

§ unico. — O Director do Departamento Geral da Instrucçõ Publica creará esse Curso no Grupo que julgar conveniente, bem como o suspenderá quando assim for preciso.

Art. 5º. — Só poderão ser nomeados Professores Extranumerarios os alumnos-mestres ou os candidatos que tiverem o Curso Rural.

Art. 6º. — Só poderá matricular-se no Curso Rural o alumno diplomado no 4º anno dos Grupos, ou o que fizer exame de admissõ ou os Professores Extranumerarios anteriormente nomeados e sem prejuizo do seu expediente.

§ unico. — A matricula é gratuita e o candidato deve ter mais de 14 annos de idade.

Art. 7º. — Os Directores dos Grupos Escolares serão escolhidos dentre os Professores do proprio Grupo.

Art. 8º. — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de Alagoas, em Macelõ, 1º de Dezembro de 1930, 42º da Republica.

DR. HERMILLO DE FREITAS MELRO.

Orlando Araujo.

Publicado na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em Macelõ, 1º de Dezembro de 1930.

José Maria Correia das Neves, Director.

DECRETO N. 1442

De 20 de Dezembro de 1930

Dá nova organizaçõ ao Curso Normal do Estado.

O Governo Provisorio do Estado de Alagoas, no uso de suas attribuições,

DECRETA:

Art. 1º. — O Curso Preparatorio Anexo á Escola Normal é de um anno e compreende as seguintes disciplinas: Portuguez e Caliphasia; Francez; Geographia, Cartographia e Cosmographia; Historia Patria; Arithmetica e Logicidade; Geometria; Noções de Sciencias Physicas e Naturaes: a) Physica e Chimica; b) Historia Natural; Calligraphia, Musica.

Art. 2º. — Essas disciplinas serão distribuidas em duas cadeiras do modo seguinte:

Primeira Cadeira: Portuguez e Calliphasia, Francez, Geographia, Cartographia, Cosmographia, Noções de Sciencias Physicas e Naturaes (Physica e Chimica), e Calligraphia.

Segunda Cadeira: Arithmetica e Logicidade, Geometria Pratica, Historia Patria, Noções de Sciencias Naturaes e Physicas, (Historia Natural) e Musica e Desenho.

Art. 3º. — Os alumnos do Curso Anexo farão os exercicios de gymnastica com os alumnos do Curso Normal.

Art. 4º. — O ensino Normal é ministrado em um curso de cinco annos e compreende as seguintes disciplinas:

1ª cadeira de Portuguez — 1º e 2º annos.

2º idem de Portuguez — 3º anno.
3º idem de Portuguez e Literatura — 4º e 5º annos.

1º idem de Francez — 1º anno.

2º idem de Francez — 2º e 3º annos.

1 cadeira de Arithmetica — 1º e 2º annos.

1 idem de Algebra e Geometria — 2º e 3º annos.

1 idem de Geographia Geral, Corographia do Brasil, Cartographia e Cosmographia — 1º e 2º annos.

1 cadeira de Historia da Civilizaçõ e do Brasil — 3º e 4º annos.

1 idem de Pedagogia e Psychologia — 4º e 5º annos.

1 idem de Physica e Chimica — 3º e 4º annos.

1 idem de Historia Natural — 4º anno.

1 idem de Educaçõ Physica: hygiene geral e escolar, biologia, anatomia e physiologia humanas — 4º e 5º annos.

1 idem de Desenho.

1 idem de Musica.

§ 1º. — Além dessas cadeiras providas por concurso, haverá ainda o ensino de Trabalhos Manuaes: a) Para as classes mixtas — Cartonagem, Cordonagem, Modelagem, Moldagem, Decupagem e Trabalhos em metaes; b) Para as classes femininas — Costura e Cortes, e Trabalhos de Agulha.

§ 2º. — Esses professores serão contractados independente de concurso, quando forem estranhos ao magisterio, e serão nomeados effectivos, se já tiverem mais de cinco annos de serviços prestados em Grupos Escolares.

Art. 5º. — O provimento interino de cadeiras da Escola Normal poderá ser feito por qualquer pessoa idonea, por proposta do Director.

Art. 6º. — O Curso Normal fica assim distribuido:

3 lições semanaes	
1º anno—Portuguez	3 lições semanaes
Francez	6 " "
Arithmetica	3 " "
Geographia, Cartographia e Cosmographia	3 " "
Desenho	2 " "
Musica	2 " "

	Trabalhos manuaes	2	"	"
2º anno—	Portuguez	3	"	"
	Francez	3	"	"
	Arithmetica	3	"	"
	Corographia do Brasil e Cartographia	3	"	"
	Desenho	2	"	"
	Algebra	3	"	"
	Musica	2	"	"
	Trabalhos manuaes	2	"	"
3º anno—	Portuguez	3	"	"
	Francez	3	"	"
	Geometria	3	"	"
	Historia da Civilizaçõ	3	"	"
	Physica	3	"	"
	Musica	2	"	"
	Desenho	2	"	"
	Trabalhos manuaes	2	"	"
4º anno—	Portuguez	3	"	"
	Chimica	3	"	"
	Historia Natural	6	"	"
	Pedagogia	3	"	"
	Historia do Brasil	3	"	"
	Educaçõ Physica: hygiene geral e escolar	2	"	"
	Desenho	2	"	"
	Trabalhos manuaes	1	"	"
5º anno—	Educaçõ Physica: biologia, anatomia e physiologia humanas	3	"	"
	Didactica	3	"	"
	Psychologia	3	"	"
	Psychologia	3	"	"
	Portuguez e Literatura	3	"	"
	Pratica Escolar			12 h. semanaes

§ unico. — Além dessas disciplinas haverá diariamente os exercicios de gymnastica, para todos os alumnos, durante 30 minutos.

Art. 7º. — Os trabalhos lectivos da Escola Normal funcionarão diariamente em dois periodos: de 8 às 12 horas e de 13 às 17 horas.

meira cadeira do Curso Annexo e os primeiro, quarto e quinto annos; e de 13 ás 17 a segunda cadeira do Curso Annexo e os segundo e terceiro annos do Curso Normal.

Art. 8º. — A matricula da Escola Normal será aberta por editaes publicados no "Diario Official" durante o mez de Fevereiro de cada anno.

Art. 9º. — Ao candidato á matricula no Curso Annexo que não tenha feito exame do quarto anno dos Grupos, conforme preceitua a letra B do artigo 381, do Decreto n. 1.140, de 19 de Setembro de 1925, será permittida uma segunda época para dito exame, requerida ao Director da Escola Normal no prazo indicado no artigo anterior.

§ unico — Esse exame será feito em qualquer Grupo Escolar até o dia 26 de Fevereiro por determinação do Director do Departamento Geral da Instrução Publica.

Art. 10º. — O requerimento de matricula será dirigido pelo candidato ao Director da Escola.

a) Para o primeiro anno, acompanhando certificado de approvação nos exames do Curso Annexo; do primeiro anno do Curso Seriado do Lyceu Alagoano ou de outro estabelecimento a elle equivalente; ou do primeiro anno da Academia de Sciencias Commerciaes de Alagoas; e os documentos de que tratam as letras A, C e D do artigo 381, do Decreto n. 1.140, de 19 de Setembro de 1925.

b) Para outro qualquer anno, juntando certificado de approvação em todas as materias do anno anterior.

Art. 11º. — Qualquer alumno que tenha interrompido o seu curso poderá continuá-lo, effectuando sua matricula de accordo com o regulamento pelo qual começou.

Art. 12º. — A presente reforma só é obrigatoria para os alumnos que se matricularem de 1931 em diante.

§ unico — E' facultado aos alumnos de qualquer anno o direito de terminar o seu curso pelo actual regulamento.

Art. 13º. — Os candidatos que tiverem o Curso de Preparatorios exigido para matricula em Escolas Superiores do Pais, e que desejarem seguir o magisterio, poderão matricular-se na Escola Normal para cur-

sarem durante um anno as cadeiras de Pedagogia, Psychologia, Didactica e Educação Physica, afim de obterem o diploma de alumno-mestre.

Art. 14º. — Será designada em commissão uma professora de entrancia para instructora de gymnastica com a obrigação de fazer diariamente na Escola Normal os devidos exercicios e de assistir a todas as lições de Educação Physica, auxiliando o respectivo lente.

§ 1º. — A instructora de gymnastica, as inspectoras de alumnos e os professores do Curso de Preparatorio Annexo á Escola Normal perceberão exclusivamente o ordenado mensal de quinhentos mil réis.

§ 2º. — Os professores de entrancia em commissão na Escola Normal e os que servirem na Inspectoria Technica do Ensino farão nesses cargos estagio para promoção.

§ 3º. — Considera-se vaga a cadeira cujo professor for commissionedo na fórma deste artigo.

Art. 15º. — Os professores do Curso de Preparatorios e as Inspectoras de alumnos do Curso Normal serão escolhidos em commissão dentre os professores de melhor tirocinio, nos Grupos Escolares.

§ unico — As Inspectoras serão effectivadas depois de um anno de exercicio, se convier aos interesses da Escola Normal.

Art. 16º. — Ficam effectivadas as actuaes professoras do Curso de Preparatorio e a Inspectoras de alumnos da Escola Normal.

Art. 17º. — Os alumnos-mestres diplomados na vigencia do presente regulamento ficam dispensados do concurso para nomeação de professores de primeira entrancia.

Art. 18º. — Os professores primarios, para effeito de matricula e frequencia em Escolas Superiores do paiz, terão direito a licença de sessenta dias, seguidos ou interpolados, com vencimentos integraes.

Art. 19º. — Fica elevado a 80 o numero de alumnos admittidos á matricula no Curso Annexo á Escola Normal.

Art. 20º. — As aulas da Escola Normal começarão a 1º de marco e terminarão a 30 de outubro, entrando-se em férias logo depois dos exames.

§ unico — Os exames de 1ª época começarão depois do dia 1º de novembro e os de 2ª época depois do dia 10 de fevereiro de cada anno.

Art. 21º. — As aulas não funcionarão:

a) nos dias que decorrerem de 20 a 30 de junho;

b) nos dias feriados por lei federal, estadual ou municipal.

Art. 22º. — Para attender á deficiência de pessoal masculino no magisterio primario, os vinte primeiros alumnos-mestres que fizerem o Curso Normal pelo presente regulamento serão nomeados professores de primeira entrada da capital, onde poderão fazer estagio para promoção.

Art. 23º. — A cadeira de Cartographia e Cosmographia fica annexada á de Geographia e Corographia do Brasil.

Art. 24º. — A cadeira de Algebra fica annexada á de Geometria, passando o actual lente de Arithmetica e Algebra a leccionar Algebra e Geometria.

Art. 25º. — O actual lente da cadeira da Portuguez do 1º anno passará a reger a cadeira de Historia da Civilização e do Brasil.

Art. 26º. — Fica criada a segunda cadeira de Francez.

Art. 27º. — O ensino de Didactica será feito por professores dos Grupos Escolares da Capital, designados pelo Director Geral da Instrucção Publica.

Art. 28º. — Considera-se terem renunciado ao magisterio os lentes cathedaticos ou professores effectivos da Escola Normal que deixarem o exercicio de suas funcções por espazo de 30 dias consecutivos.

§ 1º. — Perderão igualmente a cadeira os lentes:

a) que derem durante o anno quarenta faltas justificadas;

b) que derem durante o anno trinta faltas não justificadas;

c) os que leccionarem menos de 2/3 do programma apresentado e approvedo em engregação.

§ 2º. — Em taes casos seus lugares serão declarados vagos.

Art. 29º. — O Governo poderá prover dentro de 30 dias, a contar da data da publicação do presente Decreto, as cadeiras vagas ou criadas em virtude desta reforma, independente de quaesquer formalidades.

Art. 30º. — Revogam-se as disposições em contrario.

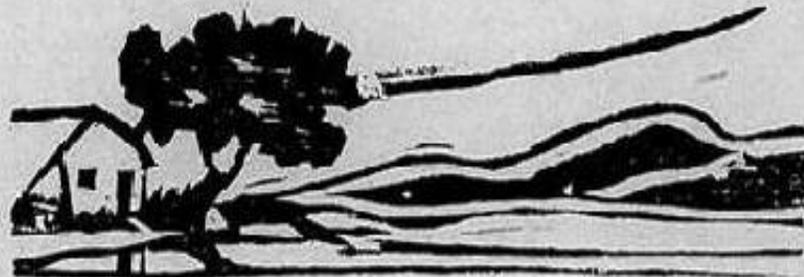
Palacio do Governo do Estado de Alagoas, em Maceió, 20 de Dezembro de 1930, 42ª da Republica.

DR. HERMILLO DE FREITAS MELO.

Orlando Araujo.

Publicado na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em Maceió, 20 de Dezembro de 1930.

José Maria Correia das Neves, Director.





Dr. Julio Pires Em Recife, falleceu recentemente o illustre philologo e eximio professor de humanidades, Dr. Julio Pires, uma das mais fortes e suggestivas organizações de pedagogo que o Brasil já possuiu. Possuidor de vasta cultura, cursando superiormente varias disciplinas em estabelecimentos de ensino da vizinha capital, o Dr. Julio Pires tornou-se, entretanto, notabilissimo no trato da lingua portugueza, que conhecia a fundo e manejava com sobria elegancia classica. As suas lições na cathedra e na imprensa, onde frequentemente era lido com interesse, tiraram seu nome do circulo provinciano, dando-lhe notoriedade em todo o paiz e em Portugal.

O desaparecimento do eminente philologo brasileiro, abre um claro immenso nas letras nacionaes e no meio dos professores mais renomados do Brasil. A REVISTA DE ENSINO registra pesarosamente o fallecimento do insigne professor.

Dr. Silva Ramos No Rio de Janeiro finou-se, nos ultimos dias de dezembro, o illustre homem de letras José Julio da Silva Ramos, da Academia Brasileira de Letras. Pernambucano de nascimento, nascido em Recife, em 1853, fez os seus estudos em Portugal, doutorando-se em direito na velha Universidade de Coimbra, convivendo com Guerra Junqueiro, João de Deus, Gomes de Azevedo, Gonçalves Crespo e outras dessa luminosa geração que tanto elevaram as boas letras portuguezas.

Ao regressar ao Brasil, dedicou-se ao magisterio publico e particular,

sino da lingua portugueza, da qual era um dos mestres mais acatados. Escriptor dos mais illustres, pelo primor de suas idéas e esmero com que vestia o seu pensamento, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Na illustre companhia muito contribuiu para o brilho dessa instituição nacional. Quando ahí se tratou da reforma orthographica bateu-se valentemente pela adoção da orthographia portugueza e nesse ponto de vista sempre se manteve, radicalmente afastado dos que discordavam da sua opinião.

Era professor do Collegio Pedro II. Uma das suas melhores paginas literarias, foi a conferencia que leu na Academia Brasileira de Letras, por occasião do centenario de João de Deus.

A modificação dos feriados nacionaes

O Governo Provisorio acaba de decretar a redução dos feriados nacionaes.

Dos feriados instituidos pelo Governo Provisorio de 1889-1890 ficaram o 1º de Janeiro, o 7 de Setembro, o 2 de Novembro, e o 15 de Novembro. Dos novos permanecem o 1º de Maio, consagrado á fraternidade universal da classe operaria, e o 25 de Dezembro, commemoração da unidade espiritual dos povos christãos.

Dos 12 que haviam ficaram 6. Deixaram de ser feriados, em virtude do acto do actual Governo Nacional, o 3 de Maio, data do descobrimento do Brasil, da abertura do antigo Parlamento e do Congresso recém-extincto; o 21 de Abril, commemoração da independência do Brasil.

dencia brasileira, resumida em Tira-dentes; o 13 de Maio, commemoração da fraternidade dos brasileiros, recordação do dia em que se proclamou o desaparecimento da escravidão no Brasil; o 12 de Outubro, descobrimento da America, symbolo da confraternização continental; o 14 de Julho, commemoração da Republica, da liberdade e independência dos povos americanos, data da tomada da Bastilha; o 24 de Fevereiro, data da promulgação da Constituição da Republica, dessa Constituição que será restaurada em todo ou em parte, mas cujo espirito não desapareceu, também não figurará entre os novos feriados, em virtude do criterio geral da redução.

A Universidade do trabalho Occupando-se do ensino tecnico, que attingiu na Belgica um grande desenvolvimento, publica o COMMERCIO DO PORTO as seguintes informações sobre a organização da Universidade do Trabalho de Charleroi:

"As diversas escolas technicas deram lugar, em 1914, á Universidade do Trabalho, que é hoje uma operosa e vastissima colmêa onde labutam, de manhã até á noite, mais de 3.699 alumnos sob a direcção proficiente de 265 professores e instructores, e 328 auxiliares. Cobre um terreno de mais de cinco hectares e tem uma gerencia e direcção como se fosse uma empresa industrial, com recursos administrativos extremamente reduzidos, mas possuindo meios de progresso e vitalidade, com a preocupação constante das realidades, das coisas praticas e da qualidade. Os seus dirigentes, a par do movimento scientifico, são sempre esclarecidos a tempo.

A administração da Universidade do Trabalho está confiada a um conselho de administradores, composto, além do presidente indicado pela deputação permanente, de 12 membros nomeados pelo conselho e 9 pelos Estados, 14 delegados patrões e 7 delegados das organizações operarias, pertencendo todos á industria.

O burgomestre de Charleroi faz parte, de direito, do conselho, podendo a deputação permanente convidar para o conselho de administração, personalidades categorizadas nas sciencias, na industria e no ensino tecnico, as quaes têm voto consultivo e não deliberativo.

A Universidade do Trabalho compreende dez divisões ou os seguintes estabelecimentos: a escola industrial superior, a escola profissional diurna, os cursos profissionaes nocturnos, a escola especial de engenheiros technicos, os cursos de aperfeiçoamento, cursos temporarios e serviços de vulgarização scientifica, a escola das artes decorativas, os ensinos especiais (correspondentes de lingua franceza e ajudantes de pharmacia, o serviço de documentação industrial e de bibliotheca, os laboratorios industriaes de ensaios e o museu, que compreende o material didactico, a photographia e serviços diversos. Junto a estes estabelecimentos existem cursos annexos, a saber: cursos normaes da Universidade do Trabalho do Hainaut, direito administrativo, escola de policia e escola nacional de caminhos de ferro. A população de todas estas escolas e cursos eleva-se a 3.630 alumnos.

Cada uma das divisões da Universidade do Trabalho constitue uma grande escola tecnica, muitas vezes superior, em importancia, a certas escolas isoladas. O estudo judicioso dos programmas e da organização pedagogica permite a todos os alumnos hem dotações e sabido da escola primaria o percurso do cyclo completo de estudos, quer sob a fórma de um ensino de plena exercitação, quer dando azo a trabalhar durante o dia, de maneira evitar a falta do ganho que fatalmente resulta de estudos muito prolongados."

Liga Brasileira da Higiene Mental

No Curso de Psychologia realizado no anno passado, no Rio de Janeiro, pela Liga de Hygiene Mental, e que ultimamente se encerrou, foram dadas 22 aulas, das quaes a maioria teve em

vista applicações de hygiene psychica ás questões educacionaes. Matri-
cularam-se no curso dois medicos,
nove professores e um preparatoria-
no.

O curso teve inicio em 30 de Ju-
lho com uma conferencia do Profes-
sor Ulysses Pernambucano, de Re-
cife, sobre "Ensaio de Applicação de
test das 100 questões de Ballard.
Seguiram-se-lhe, em datas differen-
tes, os Professores: Erasmo Braga,
que tratou dos "Elementos psycho-
sociologos nos programmas do ensi-
no", C. A. Baker, que se occupou
da "Estatistica na Educação e na
Psychologia", Miguel Osorio de Al-
meida, que em 3 lições technicas, se
occupou do "Methodo Graphico em
Psycho-physiologia, D. Maria Brasi-
lia Leme Lopes, que deu 3 aulas, sen-
do uma sobre exercicios praticos de
psycho-estatistica, e duas respectiva-
mente, sobre technica do "Tapping-
test" e "medida do tempo de reac-
ção"; Plinio Olinto, que fez duas con-
ferencias sobre "Aspectos de perce-
pção"; D. Helena Antipoff, que ver-
sou o problema dos "Tests de intelli-
gencia geral"; Dr. Martin Bueno de
Andrade, que em 2 aulas disse de sua
experiencia pessoal, na applicação
dos test de Bellard e de Goodenough;
Mauricio de Medeiros, que realizou
uma conferencia sobre "Psycho-pe-
dagogia da memoria"; Julio Porto-
Carrero, que fez 3 preleções sobre
"Methodos psycho-analyticos", "The-
oria de Psychanalyse" e "Applicação
da Psychanalyse á Pedagogia"; Er-
nani Lopes, que deu uma aula sobre
"Penometria" e tres sobre "Exame
da sensibilidade tactil".

Sociedade de Estudos Pe-
dagogicos

Com séde na Esco-
la Normal Pedro II,
fundou-se ultimamente em Fortaleza,
Estado do Ceará, sob os auspicios
da Directoria da Instrueção Publica,
uma sociedade de homens de letras,
que se destina ao estudo de questões
attinentes ao ensino, com o louvavel
proposito de melhora-lo, larga e pro-
fundamente, no meio e incentiva-lo
em todos os recantos do Brasil. De-

nomina-se SOCIEDADE DE ESTU-
DOS PEDAGOGICOS e a sua Dire-
ctoria é a seguinte, segundo amavel
communicação que nos foi feita:

Presidente — Menezes Pimentel;
1º Vice-Presidente — João Hypolito;
2º Vice-Presidente — Herminio Bar-
roso; Secretario Geral — Moreira de
Souza; 1º Secretaria — Leticia Fer-
reira Lima; 2ª Secretaria — Maria
de Lourdes Mello Cesar; Thesourci-
ra — Alba Alencar; Archivista—Bi-
bliothecario — Aristoteles Bezerra.

A Sociedade propõe-se:

a) propugnar a adopção, de ac-
ordo com as necessidades e possi-
bilidades regionaes, dos methodos
modernos da Pedagogia scientifica,
em todos os estabelecimentos de en-
sino; b) estudar e divulgar os diver-
sos typos de escolas-modelo existen-
tes no paiz e no estrangeiro; c) sug-
gerir ao poder publico as medidas
que se afigurem uteis ao desenvol-
vimento cultural do Ceará; d) pro-
nunciar-se sobre projectos de leis e
regulamentos relativos ao ensino pu-
blico; e) organizar uma bibliotheca
pedagogica na qual figurarão as leis
nacionaes e estrangeiras de ensino;
f) manter correspondencia com as
sociedades de educação brasileira e
estrangeiras, num intercambio con-
stante de idéas e projectos; g) inte-
ressar-se pela feitura e divulgação
do livro escolar cearense; h) apoiar
por todos os meios iniciativas par-
ticulares em bem da educação publi-
ca e orienta-la no sentido dos moder-
nos principios educativos; i) esti-
mular as visitas reciprocas de profes-
sores e alumnos dos diversos estabe-
lecimentos de ensino do Estado,
quer publicos, quer particulares; j)
estudar a questão da inspecção me-
dica e dentaria nas escolas, bem
como a da educação physica, propa-
gando suas vantagens e suggerin-
do ao governo a melhor maneira de
resolve-las; k) actuar no meio so-
cial para fazer victoriosos os novos
idéas de educação; l) organizar
cursos de aperfeiçoamento para pro-
fessores, regidos por especialistas na-
cionaes ou estrangeiros de notoria

competencia; m) estudar a melhor forma de elevar o nivel moral e intellectual do professor, afim de que a sua actuação no meio social seja a mais eficiente possivel; n) editar uma revista pedagogica, especialmente destinada a propagar os preceitos da educação nova e estimular a cultura e iniciativa do professorado.

Instituto Gabino Besouro No dia 9 de Janeiro deste anno foi inaugurado na cidade de Penedo, o Instituto "Gabino Besouro", recentemente creado, sob o regimen de grupo escolar, mas com um curso profissional annexo.

O acto revistiu-se de grande solemnidade e foi motivo de enorme jubilo para a população da formosa cidade sanfranciscana.

Damos a seguir a acta da inauguração do novo estabelecimento de ensino:

Acta da sessão inaugural do Instituto "Gabino Besouro", da cidade de Penedo.

Aos nove dias do mez de Janeiro do anno de 1931, na cidade de Penedo, no predio situado á Praça Jacome Calheiros, ás 14 horas, presentes o Sr. Dr. Director do Departamento Geral da Instrução Publica (Dr. Miguel Archanjo Baptista), o Dr. João Ramalho, Prefeito deste Municipio, Sr. Prof. Luiz de Franca Cerqueira, Inspector Technico de Ensino, Prof. Hygino Bello, Prof. Auryno Maciel, da Escola Normal do Estado e 1º Secretario da Sociedade Alagoana de Educação, Prof. Bernardes Junior, da Academia de Sciencias Commercias de Alagoas e representante d'A *Noticia*, Prof. Celina Batinga, Directora em commissão do Instituto "Gabino Besouro" e representando o Exmo. Sr. Interventor Federal, o Sr. João Ramalho, afóra as pessoas abaixo assignadas, o Sr. Dr. Miguel Archanjo Baptista abriu a sessão e deu a palavra ao orador da solemni-

dade da inauguração do Instituto "Gabino Besouro" e que em oração inflammada e eloquente, de conceitos ardorosos em torno da educação e do ensino, sauda a sociedade penedense pela fundação do Instituto. Após a sua oração entusiastica, o Prof. Hygino Bello foi unanimemente applaudido e saudado por uma salva de palmas da numerosa assistencia que, entre vivas erguidos ao Sr. Freitas Melro, se manifestava alvoroçada de jubilo pela festa realizada. Em seguida tomou a palavra o joven José V. Silva, que leu um brilhante discurso de saudação aos fundadores do Instituto. Falou depois o joven João Cajueiro, que leu tambem um discurso de elogio á obra feliz de que o Sr. Interventor Federal, por intermedio do Sr. Director da Instrução Publica, dotou a população laboriosa do S. Francisco. Depois falou tambem a senhorita Abigail Campos, lendo caloroso discurso, como justissima alegria por ser inaugurado o Instituto "Gabino Besouro". Em seguida falou o Sr. Agnello Moreira, que leu bem equilibrado discurso em nome do Sr. Prefeito do Municipio, agradecendo o interesse tomado pelo Sr. Interventor na diffusão do ensino em Penedo com a inauguração fundamental do Instituto "Gabino Besouro". Por fim falou ainda o Sr. Dr. Miguel Archanjo Baptista, encerrando a sessão e pedindo ao Sr. Prefeito do Municipio que declarasse inaugurado o Instituto "Gabino Besouro", cuja fundação estava ligada aos nomes dos Srs. Dr. Freitas Melro, Dr. Orlando Araujo, ex-Secretario do Interior e Sr. João Ramalho, adeantado Prefeito de Penedo. E nada mais havendo, lavrei a presente acta que assigno. *Auryno Maciel.*

Miguel Archanjo Baptista, João Ramalho, Hygino da Costa Bello, Celina Barbosa Batinga, Bernardes Junior, Luiz Ignacio de Figuerêdo, Blandina Malta de Sá, Maria Judith Malta de Sá, Lauro Machado Costa, Tenente Antonio da Cunha Agnello

Moreira, Lucillo Mesquita, Jacyobá Cavalcante, Firmo Castro, Mario Lobo, João Soares de Andrade, Jonas Batinga, Anthenor Silva, José Gama, Manoel Joaquim de Farias, João E. Cajueiro, Padre Odilon Lobo, Francisco Laranjeira Filho, Manoel da Cunha, Miguel Vieira da Silva, Antonio Alves Correia, Pedro Campos, José Papini Góes, Raul R. Pereira, Edmundo Lopes, José Sotero de Menezes, José Vieira Lisboa, Epaminondas Alves, Horacio Pereira, Luzia Djorah Pitombo Cavalcante, Lydia Braga Ramalho, Lygia Cavalcante Rocha, Stella Braga Filho, Diva Braga Ramalho, Carmelita Pitombo Cavalcante, Elecina Mercedes de Mesquita, Dulce da Silva Menezes, Myrtila Barbosa Batinga Mendonça, Euthalia Besouchet Silva, Aloysio Braga, Eurydice Freitas, José Silva, Adelino Feitosa, Grasilides Gallindo Campos, Euclides Peixoto, Erival Ferreira de Menezes Nininha Fonseca, Mario Dantas, Analita Farias, Diogenes F. Santos, Djalma Cavalcante, Helio B. Mendonça, José Guimarães, João A. Moreira, Leobino Ferreira, Luiz Martins, Oswaldo Mero, Afranio Ferreira Souza, Antonio Macedo, Abigail Gallindo Cam-

pos, Ulysses Rocha, Arthur Freitas Melro, Alfredo Freitas Melro, Julietta Malta de Oliveira, Djnaira Ferreira, Carmelita Dantas, Sylvio Santos, José C. Mello, Lydio Ribeiro, Cicero A. dos Santos, José Gomes da Silva, Antonio Guerra Peixe, Zuleika Farias, Aliete Rodrigues, Aracyr Gomes, Liseth Andrade, Enaura Peixoto, Edilla Tavares, Sylvia Cavalcante, Neyde Peixoto, Euthicia Freitas, Joanna V. dos Santos, Pureza Tavares, Abilia Gonçalves, Maria S. Ritta, Adelina Gonçalves, Nivaldo Campos, Zenaide Oliveira, Zilda Oliveira, Nestor Coelho, Eunice Oliveira, José Amorim, M. Alice Salles, Alcina de Alencar, Noemia Salles, Valdúria Ferreira Silva, Antonia Rosa de Souza, Zelia Silva, Maria Ramos, Gedalva Barros, Dorcelina Silva, Edith Santos, Iracema Barros, Leonardo Ferreira, José Benedicto, Odilon F. dos Santos, José Ramos, Genalva Barros, Eurides Santos, Edson Santos, Carmelita Silva, Ediva Feitosa, Asterio Correia, Emilia Santos, Nelson dos Santos, Manoel A. de Araujo, Manoel Costa, Elisabeth Mendes, M. V. de Moura, Amphrisio Feitosa, José E. Barbosa, Veldonir Feitosa, Luiz de França Cerqueira, Jeronymo Oliveira.

BIBLIOTHECA DOS PROFESSORES ALAGOANOS

**ANTHOLOGIA DE PROSADORES E
POETAS DE ALAGOAS**

inotações biographicas de LUIS
CERQUEIRA

e grammaticaes de AURYNO
MACIEL

BREVEMENTE

Edição da **REVISTA DE ENSINO**
